

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

DEBORAH COELHO MABILDE

MASSACRE DE SUZANO:

Análise do discurso da Folha de São Paulo sobre os atiradores

Porto Alegre

2021

DEBORAH COELHO MABILDE

MASSACRE DE SUZANO:

Análise do discurso da Folha de São Paulo sobre os atiradores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia Benetti

Porto Alegre

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado **Massacre de Suzano: análise do discurso da Folha de São Paulo sobre os atiradores**, de autoria de Deborah Coelho Mabilde, estudante do curso de Jornalismo, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 2 de maio de 2021.



Marcia Benetti

DEBORAH COELHO MABILDE

MASSACRE DE SUZANO:

Análise do discurso da Folha de São Paulo sobre os atiradores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em 13 de maio, 2021:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Benetti - UFRGS

Prof^ª Dr^ª Thais Furtado– UFRGS

Prof^ª Dr^ª Aline do Amaral Garcia Strelow – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Escrever um trabalho de conclusão em meio a uma pandemia mundial não é uma tarefa fácil, e por isso gostaria de agradecer algumas pessoas especiais que me ajudaram não somente a finalizar esta etapa acadêmica, mas que sempre estiveram presentes ao meu lado quando eu mais precisei.

À minha mãe, pelo amor e pelo exemplo. Que sempre foi a minha maior inspiração e me apoiou incondicionalmente em todos os meus sonhos, mesmo quando eles não faziam sentido. Obrigada por todas as conversas, conselhos, puxões de orelha. Obrigada por não desistir de mim quando eu não acreditava mais que conseguiria. Que um dia eu possa ser metade da mulher que tu és.

Ao meu pai, por me ensinar que o conhecimento não é construído apenas dentro da academia, e por acreditar em mim em todos os momentos. Aos meus familiares, pela torcida e pelo carinho. À minha avó Renate, em especial, por estar sempre presente, e por compartilhar tanto do teu conhecimento comigo. Obrigada pelas histórias, pelas receitas, pelo carinho e amor.

À minha orientadora, Marcia Benetti. Agradeço imensamente por ter acreditado no meu trabalho ao aceitar me orientar e por ter me acompanhado em todos os momentos que precisei ao longo do desenvolvimento dele. Obrigada por ter aguentado minha procrastinação infinita, por compartilhar tanto do teu conhecimento comigo e pelas palavras de incentivo e gifs de gatinhos quando achei que não ia conseguir.

Às amigas que merecem o mundo inteiro, e são o melhor presente que eu poderia ter, as irmãs que escolhi. Renata, por ser minha melhor amiga há quase 20 anos, pelos áudios de incentivo de madrugada e por todos os surtos juntas. Paula, pelas dicas valiosas, pelos conselhos que só uma amiga virginiana poderia dar e por ser minha inspiração de pessoa organizada na vida. Liz e Paula, por serem os presentes que a UFRGS me deu, amigas queridas que espero levar para a vida toda, obrigada por todos os momentos juntas nos quatro anos de graduação. Ana, Mariana, por serem os presentes que o Miçangas me deu, por me apresentarem as manualidades e por serem as irmãs mais velhas que eu nunca tive.

Aos meus queridos colegas de trabalho na TAG, pelo incentivo, apoio e risadas. Em especial à Marília, Vitória, Jéssica e Eduarda, obrigada por me aguentarem falando quase exclusivamente do meu TCC nesse último ano, e por me apoiarem sempre.

Meus agradecimentos à UFRGS, pela educação pública de primeiríssima qualidade, que deve ser defendida a todo custo em tempos de sérios ataques como os que vivemos. Viva a educação pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço a todas as professoras e professores que contribuíram para minha formação, por plantarem em mim uma semente de curiosidade pelo conhecimento que dá frutos até hoje. Obrigada por serem essenciais na descoberta dos meus maiores amores: os livros, a escrita e o jornalismo.

*Não são as crises que mudam o mundo,
e sim nossa reação a elas.*
Zygmunt Bauman

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o discurso jornalístico da Folha de São Paulo sobre os atiradores do acontecimento Massacre de Suzano, buscando encontrar quais os sentidos construídos sobre esses sujeitos. Os objetivos específicos são 1) mapear os sentidos produzidos pelo discurso sobre os responsáveis pelo crime e 2) problematizar os sentidos identificados e observar se as percepções encontradas contemplam a complexidade desses sujeitos. Para realizar esses objetivos, selecionamos um corpus de 27 textos publicados no site da Folha de São Paulo entre os dias 13 e 18 de março de 2019 para análise. Para contextualizar o acontecimento, apresentamos o conceito de *school shootings* (tiroteios em escolas), que tem origem nos Estados Unidos e foi popularizado pelo Massacre de Columbine, em 1999. Em seguida, trazemos uma reconstrução cronológica do acontecimento em Suzano. Como base teórica, discutimos a influência da notoriedade midiática no efeito de contágio entre massacres, o papel do jornalismo como instituição social, o discurso jornalístico, a alteridade no jornalismo e a construção social dos acontecimentos. Para a base metodológica, utilizamos a Análise do Discurso (AD) para investigar o corpus e identificar os sentidos produzidos pelo discurso da Folha de São Paulo. Encontramos cinco principais Formações Discursivas (FDs) que constroem os atiradores como Violentos, Frios e Calculistas, Vítimas, Influenciados e Famosos.

Palavras-chave: jornalismo; discurso; *school shooting*; Massacre de Suzano; Folha de São Paulo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O MASSACRE DE SUZANO	12
2.1 O FENÔMENO DOS <i>SCHOOL SHOOTINGS</i>	12
2.2 A EXPOSIÇÃO DA AUTORIA E DOS MÉTODOS	20
2.3 O ACONTECIMENTO MASSACRE DE SUZANO.....	25
3 JORNALISMO, ALTERIDADE E ACONTECIMENTO	29
3.1. O JORNALISMO COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL	29
3.2 OS SENTIDOS SOBRE O OUTRO	35
3.3 O ACONTECIMENTO	39
4 ANÁLISE DOS SENTIDOS.....	44
4.1 METODOLOGIA.....	44
4.2 CORPUS.....	46
4.3 SENTIDOS SOBRE OS ASSASSINOS	49
4.3.1 Violentos	50
4.3.2 Frios e calculistas	54
4.3.3 Vítimas da sociedade	57
4.3.4 Influenciados	59
4.3.5 Famosos	63
5 Conclusão	65
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Na manhã de 13 de março de 2019, um adolescente e um homem encapuzados entraram na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano, no interior de São Paulo (SP), e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, o mais novo atirou no outro, matando-o, e depois se suicidou. Antes de chegarem ao colégio, já haviam matado o tio de um deles, dono de um empreendimento na região. Guilherme Tauci Monteiro tinha 17 anos e Luiz Henrique de Castro, 25.

O crime que viria a ser chamado de Massacre de Suzano abalou o país por se tratar de um gênero de crime raramente visto no Brasil, mais comum nos Estados Unidos, que em 2019 registraram mais tiroteios em massa do que dias no ano, totalizando 417 casos. Os *school shootings*, ou tiroteios em escolas, em tradução literal, não são acontecimentos recentes na história mundial, mas ganharam popularidade nos últimos 20 anos devido ao Massacre de Columbine (1999), que na época foi considerado um dos ataques mais violentos na história recente de tiroteios em massa nos Estados Unidos. O incidente ganhou destaque mundial e alterou permanentemente a forma como esse tipo de ataque seria percebido pela sociedade e noticiado pela imprensa, criando um *modus operandi* para uma geração de tragédias nos massacres em escolas. No Brasil, tiroteios em escola são acontecimentos muito menos comuns, mas nos últimos 20 anos foram registradas ao menos sete tragédias que se encaixam no perfil desse tipo de crime, sendo a última delas o Massacre de Suzano, objeto de estudo deste trabalho.

Estudos realizados nas últimas duas décadas sobre tiroteios em massa nos Estados Unidos indicam que é necessário cautela ao cobrir acontecimentos como massacres, devido a um fenômeno chamado efeito contágio. De acordo com estudo feito por pesquisadores (TOWERS *et al.*, 2015) da Universidade Estadual do Arizona (ASU), eventos como assassinatos em massa e tiroteios podem exercer um efeito contagioso e desencadear novos acontecimentos semelhantes em indivíduos que se identificam com a motivação dos autores do crime. Além disso, os pesquisadores alertam que a notoriedade conferida pela mídia pode ser um dos fatores que aceleram essa infecção contagiosa, uma vez que muitos dos atiradores buscam ser reconhecidos por suas ações. A notoriedade funciona aqui como um atrativo para potenciais novos autores, e como um “chamado à ação”, convidando indivíduos que se identificam com o crime a realizarem atos de imitação.

Em vista disso, é papel do jornalismo empregar esforços para retratar acontecimentos como massacres e homicídios em massa de forma aprofundada, complexa e responsável,

contemplando sujeitos complexos de formas abrangentes, sem apoiar-se em estereótipos e construções fáceis. O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso jornalístico da Folha de São Paulo sobre os atiradores do Massacre de Suzano, buscando encontrar quais os sentidos construídos sobre esses sujeitos. Como objetivos específicos, buscaremos 1) mapear, no corpus de notícias selecionadas, quais os sentidos produzidos pelo discurso sobre os responsáveis pelo crime e 2) problematizar os sentidos identificados na construção do discurso a fim de observar se as percepções encontradas contemplam a complexidade desses sujeitos. Para realizar esses objetivos, utilizaremos como base metodológica a Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Nosso corpus é formado por 27 textos, que foram publicados pela Folha de São Paulo entre os dias 13 e 18 de março de 2019.

No segundo capítulo, procuramos nos aprofundar no conceito de *school shootings* (tiroteios em escolas), suas origens nos Estados Unidos e a enorme repercussão do Massacre de Columbine (1999), com destaque para os modelos que o atentado viria a criar, tanto em um modus operandi para outros massacres quanto em um padrão de cobertura midiática para noticiar eventos similares. Abordamos também a problematização da exposição exaustiva do acontecimento por parte da mídia, o efeito contágio entre massacres descoberto pelos pesquisadores e os riscos que a notoriedade sobre os autores do crime podem trazer. Para essa discussão, trabalhamos especialmente a partir de Cullen (2019), Schildkraut (2019), Towers et al. (2015), Gladwell (2015). Por fim, apresentamos o objeto de estudo deste trabalho, o acontecimento Massacre de Suzano.

No terceiro capítulo, debatemos a função do jornalismo na construção de sentidos sobre acontecimentos que envolvem como protagonistas sujeitos complexos. Primeiro, discutimos a função do jornalismo como instituição social com conceitos de Kovach e Rosenstiel (2004), Franciscato (2005), Traquina (2005) e Reginato (2019). Para entender o jornalismo como discurso que produz sentidos sobre o mundo e sobre o outro, utilizamos principalmente os trabalhos de Benetti (2007, 2008, 2016), Hall et al. (1993), Charaudeau (2013), Lago (2014) e Freitas e Benetti (2017). Após, desenvolvemos conceitos sobre acontecimento e meta-acontecimento a partir de Rodrigues (1993) e Berger e Tavares (2010).

No quarto capítulo, mostramos os resultados da análise. Para isso, apresentamos as cinco principais Formações Discursivas (FDs) encontradas no discurso da Folha de São Paulo que ajudam a construir a percepção dos autores do crime como Violentos, Frios e calculistas, Vítimas, Influenciados e Famosos e as Sequências Discursivas que nos ajudaram a encontrar esses sentidos no corpus.

Nas considerações finais, trazemos uma reflexão sobre os sentidos encontrados e encerramos a pesquisa com as referências bibliográficas utilizadas.

2 O MASSACRE DE SUZANO

Neste capítulo, buscaremos entender mais sobre os assassinatos em massa, de onde se origina o fenômeno dos *school shootings* (tiroteios em escolas), utilizando alguns conceitos e referências dos Estados Unidos, país que concentra um dos maiores números de atentados deste gênero no mundo. Em seguida, conheceremos mais sobre o Massacre de Columbine, um ataque que aconteceu em 1999 e introduziu um novo *modus operandi* para tiroteios em escolas, e se tornaria referência tanto para outros massacres quanto para a cobertura jornalística destes acontecimentos. A partir desse conhecimento, discutiremos conceitualmente a questão das coberturas midiáticas excessivas em ataques, a notoriedade conferida aos assassinos e o efeito contágio. Por fim, apresentaremos o objeto de estudo deste trabalho, o Massacre de Suzano.

2.1 O FENÔMENO DOS *SCHOOL SHOOTINGS*

Para entender o termo *school shootings* (em tradução literal, tiroteios em escolas), é necessário primeiro compreender a raiz de onde ele surge e é separado. *Mass shootings*, ou tiroteios em massa, designam crimes cometidos em locais públicos por um ou mais indivíduos, usando armas de fogo, que causam mais de quatro vítimas, não incluindo os assassinos (BERK, s.d). Apesar desta definição ser a mais aceita e comumente utilizada pelo público e pela mídia, não existe um conceito oficial definido, e essa lacuna causa algumas confusões na hora de quantificar estatísticas. Nos Estados Unidos, país que concentra um dos mais altos números de ataques (SILVERSTEIN, 2020), o Departamento Federal de Investigação (FBI) precisou adotar protocolos especiais de segurança para lidar com ataques, e por isso utiliza também o termo *active shooter incidents*, que é traduzido como ‘incidentes com atirador ativo/assassino em massa’. São definidos dessa forma crimes nos quais o atirador é um indivíduo ativamente engajado em matar ou tentar matar pessoas em uma área pública populosa (ACTIVE..., s.d.).

A maioria desses crimes acontece em locais com grande circulação de pessoas, como o tiroteio de Las Vegas Strip em 2017, que foi realizado durante uma apresentação de música ao ar livre e matou 59 pessoas, sendo considerado o mais violento tiroteio em massa da história recente dos Estados Unidos (ROSENBLATT, 2018). Outros locais comuns para essas ocorrências são instituições religiosas, locais de ensino, espaços de comércio local e eventos abertos, como feiras e exposições. Outro fator a ser considerado é que o crime pode iniciar em

um local privado, como uma residência, e terminar em locais públicos, onde são feitas a maior parte das vítimas.

Um caso recente que impactou o mundo foram os atentados de Christchurch, na Nova Zelândia: em 15 de março de 2019, dois tiroteios seguidos em mesquitas próximas resultaram em 49 mortes e mais de 50 feridos. O incidente repercutiu intensamente no Brasil por ter acontecido apenas dois dias após o massacre de Suzano, caso de estudo deste trabalho. Apesar do atentado ter sido o primeiro em quase 20 anos no país, no dia seguinte ao ocorrido a primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, anunciou mudanças nas leis de posse de armas no país. Em outro posicionamento bastante divergente daquele seguido por outros líderes mundiais em situações semelhantes, Ardern não hesitou em declarar o atentado como um ataque terrorista (PUIGDEMONT, 2019).

Devido à falta de definições oficiais para esses crimes, existe um debate internacional sobre a utilização do termo *terrorista* para denominar os responsáveis, devido às suas conotações políticas, ideológicas e culturais dentro do contexto ocidental. Novamente, não existem critérios oficiais ou consensuais para definir o que é terrorismo, mas a definição mais usada internacionalmente afirma que terrorismo é o uso de violência, física ou psicológica, contra a manifestação de um inimigo/outro, realizada com intenção de causar medo, pânico e efeitos psicológicos que ultrapassem o número de vítimas atingidas diretamente na população ou governo afetados. Além disso, a motivação não envolve ganho pessoal monetário e parte de um fundamento religioso, ideológico ou social. Hunter *et al.* (2019) aplicaram esses conceitos-chave em 105 tiroteios em massa que aconteceram nos Estados Unidos nos últimos 40 anos e descobriram que 41 deles se encaixam em todos os critérios, e outros 45 preenchem 75% dos critérios.

Sendo assim, por que esses atiradores não são considerados terroristas? Nos últimos 20 anos, o termo terrorismo foi utilizado majoritariamente para se referir a ataques realizados por grupos e indivíduos internacionais, comumente islâmicos, como por exemplo o atentado de 11 de Setembro, entre outros. Estatísticas compiladas pela revista Mother Jones (FOLLMAN, 2012) sobre os responsáveis por tiroteios em massa dentro dos EUA nos últimos 40 anos mostram que a maioria dos atiradores são homens brancos e cidadãos estadunidenses. Aliado aos discursos de ódio e manifestos de alguns dos assassinos, existem indícios de que uma das motivações desse tipo de crime seja a ideologia supremacista branca. Além disso, ao não cunhar os responsáveis por massacres como terroristas, líderes pró-armas como o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump evitam o debate sobre controle de porte de armas e violência

com armas de fogo e desviam de críticas e demandas por tomadas de ação do governo com respostas muito mais brandas do que seriam exigidas caso os assassinos fossem classificados como terroristas.

Dentro da categoria de tiroteios em massa, existe uma subdivisão adotada para categorizar ataques que ocorrem em locais de ensino, como escolas e universidades. O termo utilizado para ela é *school shootings*, em tradução literal tiroteios em escolas. As diferenças entre tiroteios em massa e aqueles realizados em escolas são a escolha deliberada por um ambiente educacional específico, na maioria das vezes relacionado pessoalmente aos responsáveis pelo crime, e ao número de mortos: mesmo incidentes com menos de quatro vítimas são contabilizados nas estatísticas.

Crimes como esse não são tão raros ou recentes na história mundial, como evidenciam alguns registros de tiroteios em escolas datados em meados de 1850 (RICHMOND..., 1840), mas durante a década de 90 do século XX houve um aumento crescente no número de ataques. Em 1999, um incidente em particular nos Estados Unidos criaria uma comoção midiática e social de proporções inéditas e ajudaria a moldar um *modus operandi* que seria comentado, admirado e referenciado ao longo das próximas duas décadas.

Em 20 de abril de 1999, na região de Columbine, Colorado (EUA), Eric Harris e Dylan Klebold, de 18 anos, entraram na escola de ensino médio onde estudavam e mataram 13 pessoas, entre colegas e um professor, antes de cometerem suicídio. Além disso, 23 outras pessoas ficaram feridas. Na época, o ataque foi considerado um dos mais violentos na história recente de *school shootings* dos Estados Unidos. O incidente se tornaria um modelo para uma geração de tragédias nos massacres em escolas (NEKLASON, 2019).

A cobertura do massacre começou antes mesmo que os assassinos terminassem o ataque, quando veículos da imprensa começaram a televisionar o incidente ao vivo, cerca de 40 minutos após seu início. De um helicóptero, uma emissora captou o resgate de um aluno que precisou pular a janela de uma sala de aula para fugir dos assassinos, com ajuda da polícia (DORN, 2019). Do lado de fora da escola, vítimas que recém tinham escapado davam entrevistas para os muitos repórteres que começavam a ocupar os arredores do pequeno subúrbio de Littleton, Columbine. Era o início de uma vigília midiática que seguiria crescente e ininterrupta pelas próximas horas, permitindo ao país acompanhar pela primeira vez um crime como esse ao vivo na televisão (BROCKELL, 2019). Em uma pesquisa feita no mesmo ano, o instituto Pew Research Center descobriu que Columbine foi a notícia que registrou o maior interesse público

em 1999. De cada 10 estadunidenses, 7 disseram ter acompanhado de perto os acontecimentos trágicos da escola (COLUMBINE..., 1999).

Durante a próxima semana e meia, o crime estamparia a capa de um dos maiores jornais dos EUA, o New York Times, com fotos não-censuradas das vítimas e todo tipo de informações sobre o caso, os responsáveis, as vítimas e as testemunhas. Nem todas verdadeiras, é importante ressaltar. Em meio ao frenesi dos acontecimentos, foram divulgados fatos errados sobre a quantidade de vítimas, com alguns repórteres noticiando até 25 mortes - quase o dobro do número oficial -, entre outros enganos. “Nós [jornalistas] erramos. Erramos feio”, afirmou Dave Cullen, jornalista e autor da obra *Columbine*, resultado de sua pesquisa de mais de 10 anos sobre o tema. “Estávamos em choque e tão desesperados para encontrar respostas (...) que acabamos tomando decisões precipitadas baseadas em pequenos fragmentos de evidências que tínhamos. A maioria do que foi publicado inicialmente estava errado” (CULLEN, 2019b, tradução minha¹).

As maiores especulações começaram a ser feitas em relação à motivação dos assassinos. Poucas horas após o ataque, uma narrativa primária (CULLEN, 2019a) seria desenhada para explicar o motivo do massacre, baseada em entrevistas com alunos traumatizados que teriam descrito os dois criminosos como solitários excluídos que faziam parte de um grupo chamado “*Trench Coat Mafia*” (em tradução literal, Máfia do Sobretudo), que andava pela escola com casacos pretos e máscaras de ski e, de acordo com alguns relatos, teria influências nazistas e uma obsessão por armas, cultura gótica e militares. Outros afirmavam que eles sofriam *bullying* na escola e tinham planejado o massacre como um ato de vingança contra alunos populares, como atletas². Existia um rumor de que eles buscavam alvejar negros e minorias também. Dave Cullen explica um pouco mais sobre a rápida evolução dessa narrativa durante a cobertura inicial do ataque.

Primeiro os apresentadores e repórteres estavam fazendo perguntas como “*Você sabe algo sobre os assassinos?*”, mas na hora seguinte isso tinha se transformado em “*Então, temos escutado que eles eram excluídos sociais, solitários*”. E depois,

¹ No original: We got it wrong. Absurdly wrong. We were so shocked and desperate for answers [...] that we ended up that we ended up making hasty decisions based on small pieces of evidence that we had.

² Os Estados Unidos têm uma cultura bastante estereotipada de grupos sociais dentro do ambiente escolar, categorizando-os com títulos que carregam significados implícitos na sociedade. O termo *jocks*, que seria traduzido como “atletas”, na verdade é melhor explicado como aqueles que são “populares”; da mesma forma que *loners*, que na tradução literal significa “solitários”, acompanha um estigma daqueles que são excluídos sociais, marginalizados.

afirmando isso no ar: “*Eles eram excluídos sociais, sofriam bullying*”. Essa transição levou menos de quatro horas. (CULLEN, 2019b³).

Cada uma dessas teorias seria eventualmente refutada por psicólogos, policiais e o FBI alguns meses depois do ocorrido (JACKSON, 2019). O psicólogo Peter F. Langman (2009) analisou a maioria desses argumentos, os materiais deixados pelos criminosos e as mais de 20 mil páginas de relatórios da polícia local com o objetivo de encontrar os fatos verdadeiros sobre o ataque. Apesar de estarem usando casacos pretos no dia do crime, por exemplo, nenhum dos dois atiradores fazia parte do grupo *Trench Coat Mafia*, e não existem evidências que provem que eles eram excluídos ou sofriam *bullying*. Na verdade, de acordo com relatos de alunos que só iriam se pronunciar meses ou até anos depois do incidente, os dois criminosos tinham um histórico de assediar e cometer *bullying* contra outros alunos. A teoria de que eles teriam cometido o ataque como vingança por serem ostracizados por grupos populares ao longo de sua vida escolar, que parecia ser a explicação perfeita para a imprensa nos primeiros dias após o crime, deixou de fazer sentido quando foram encontrados os diários da dupla, que relataram suas reais intenções: causar o maior número de vítimas possível, não importando quem fossem. O ataque originalmente não tinha sido planejado como um tiroteio, mas um bombardeio no meio do refeitório principal que deveria ter assassinado centenas de alunos. O que salvou a escola de uma tragédia ainda maior foi a falta de habilidade dos criminosos. Nenhuma das bombas plantadas explodiu.

Como relata Cullen (2019a), com a descoberta do material deixado pelos atiradores a maioria da imprensa estadunidense percebeu que sua compreensão inicial da motivação do crime tinha sido bastante equivocada. Dentro de um ano, a maioria dos veículos publicou algum tipo de correção ou nota sobre o assunto. O problema era que centenas de milhares de pessoas haviam assistido às coberturas iniciais que construíram e reforçaram essas teorias ao longo dos primeiros meses após o crime, como mostrou a pesquisa de interesse em notícias daquele ano da Pew Research Center, e a opinião do público já tinha sido moldada por essas percepções. “Mitos são para sempre”, afirma Cullen (2019a, p. 382). É por isso que a construção dos assassinos de Columbine como excluídos sociais que sofriam *bullying* e cometeram o ato como uma vingança contra seus opressores ainda é uma das explicações mais verossímeis para aqueles que acompanharam a cobertura de Columbine ao vivo em 1999.

³ No original: Initially the reporters were asking questions like "Did you know the killers?", but in the next hour it had turned into "So, we heard that they were loners". And then, on the live broadcast: "They were loners, they were bullied". This took less than four hours.

Entre teorias incorretas e narrativas consolidadas, permanece factual que o massacre repercutiu intensamente nos principais noticiários, jornais e programas de rádio e TV e seguiu sendo tópico recorrente para a imprensa ao longo dos próximos meses. Nunca na história dos Estados Unidos um caso de tiroteio em escola tinha alcançado esse tipo de atenção tão rápido ou com tanta abrangência ao redor do país. As consequências de tamanha notoriedade foram percebidas de variadas formas nos anos seguintes.

Columbine alterou permanentemente a forma como esse tipo de ataque seria percebido pela sociedade e noticiado pela imprensa, de forma que é possível distinguir análises e percepções antes e depois do crime da mesma forma que percebemos grandes eventos históricos, como a queda do Muro de Berlim e o 11 de setembro. Jaclyn Schildkraut, coautora de *Columbine, 20 Years Later and Beyond* (sem edição no Brasil), defende que Columbine criou um plano modelo para uma geração de ataques. “[Os jornalistas] realmente escreveram o script conforme os fatos aconteciam. [...] Até aquele momento, não existia uma padronização para noticiar esse tipo de evento. Columbine criou o padrão” (SCHILDKRAUT apud NEKLASON, 2019, tradução minha⁴). E não somente para a imprensa.

O sociólogo Ralph Larkin, autor de *Comprehending Columbine* (2007), acredita que os atiradores criaram um “script cultural” para massacres seguintes. Eles deixaram uma quantidade considerável de material sobre suas intenções e objetivos com o massacre, incluindo diários, vídeos caseiros, um website e até mesmo um curta filmado na escola, estrelando ambos como assassinos - uma espécie de ensaio macabro para o crime real que eles planejavam cometer. Os conteúdos mais violentos, que continham mensagens de ódio explícitas e um suposto passo a passo do crime, foram censurados pela polícia, mas ainda assim muito desse conteúdo pode ser encontrado com facilidade na internet, e isso não é uma coincidência. Em seu diário, um dos assassinos afirmou que desejava “iniciar uma revolução” (*Diaries and journals*, s.d.) com o ataque em Columbine.

Oito anos depois do crime, Larkin (2007) analisou os doze maiores tiroteios em escolas que tinham acontecido nesse período no país e descobriu que em oito desses ataques os atiradores fizeram referências explícitas aos responsáveis por Columbine. Outra investigação feita em 2014 pela emissora ABC News (THOMAS *et al.*, 2014) identificou que, desde 1999, ao menos 17 ataques e outras 36 tentativas ou ameaças sérias contra instituições educacionais podem ser ligadas ao massacre de Columbine. Entre eles, estão dois dos piores incidentes de

⁴ No original: “[Reporters] really wrote the script as they went. There wasn’t a template at the time for how these events are covered ... Columbine created the script of crisis coverage.”

school shootings da história recente dos Estados Unidos, o massacre de Virginia Tech, em 2007, e o tiroteio na escola primária Sandy Hook, em 2012.

Em 16 de abril de 2007, um estudante de 23 anos do Instituto Politécnico da Virgínia, conhecido como *Virginia Tech*, abriu fogo em uma sala de aula e assassinou 32 pessoas antes de cometer suicídio, deixando outros 21 feridos (SUL-COREANO..., 2007). Foi o ataque mais violento já realizado em um campus universitário e um dos piores tiroteios em massa até aquele momento nos EUA. O criminoso se considerava um mártir e idealizava os dois estudantes responsáveis pelo massacre de Columbine, comparando pessoas como eles a Jesus Cristo (CHO..., 2007). Ele declarou suas opiniões em um manifesto de 23 páginas, contendo videoclipes e fotos, enviado a uma emissora de TV poucas horas antes do ataque. Na época, essa foi uma das primeiras declarações feitas pelo porta-voz da universidade: “Ele era um solitário, estamos tendo dificuldades para obter informações a seu respeito” (SUL-COREANO..., 2007).

Cinco anos depois, em 14 de dezembro de 2012, um estudante de 20 anos de idade realizou um tiroteio na escola primária Sandy Hook, em Connecticut, matando 26 pessoas antes de cometer suicídio quando a polícia chegou no local (VEJA A..., 2012). Dentre as vítimas, 20 eram crianças entre seis e sete anos, e as outras seis eram professores e funcionários da escola. Antes de dirigir para a escola, o atirador matou sua mãe dentro da casa onde eles moravam. O incidente também figurou no ranking dos mais violentos da história de *school shootings* nos Estados Unidos, com um fato de choque agravado devido à idade da maioria das vítimas. De acordo com o relatório da polícia, ele tinha uma “obsessão com massacres, em especial Columbine” (NEWTOWN..., 2013). No seu computador, foram encontrados vídeos sobre os dois atiradores, assim como centenas de documentos, imagens e gravações sobre o massacre de 1999.

Além de gerar uma influência direta na realização de outros ataques, é necessário reconhecer a forma como Columbine e os dois atiradores responsáveis se tornaram elementos da cultura popular estadunidense, especialmente entre a geração mais jovem. Nas últimas décadas, ambos foram retratados, referenciados e vistos em muitas mídias diferentes, dentre elas filmes, programas e séries de TV, documentários, videogames, peças de teatro, músicas e livros. Em seguida, algumas das referências que tiveram maior repercussão e impacto.

- O músico Marilyn Manson, que recebeu muitas críticas e foi até culpado pelo ataque devido ao rumor de que os assassinos faziam parte de um grupo gótico com

influências nazistas - que tinha Manson como um de seus ídolos - lançou a música *The Nobodies* em 2000, dedicada aos atiradores.

- Em 2002, o documentário *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, toma o massacre de 1999 como ponto de partida para entender o motivo do ataque e saber por que os Estados Unidos têm uma taxa de crimes de violência por arma de fogo muito maior do que outros países ocidentais desenvolvidos. O filme ganhou o Oscar de Melhor Documentário naquele ano.
- Em 2005, o site MobyGames lançou o *Super Columbine Massacre RPG!*, um jogo de simulação que recria o massacre de Columbine. Abreviado de *SCMRPG!*, os participantes do jogo assumem o papel dos atiradores e reencenam o ataque com as armas utilizadas por eles. As investigações no Massacre de Sandy Hook (2012) descobriram que o atirador jogava esse videogame (CULLEN, 2019a).
- Em 2010, a banda indie *Foster the People* lançou a música *Pumped up Kicks*, que fala sobre um menino que pensa em realizar um tiroteio em sua escola usando a arma que encontrou no armário do pai, inspirada no ataque de abril de 1999. A música viralizou e chegou até a ser nominada para um Grammy no ano seguinte. Contudo, quando foi encontrada na *playlist* do atirador responsável pela morte de 17 pessoas em um ataque escolar em Parkland, na Califórnia, em 2018 (O'MATZ, 2018), a canção foi retirada das rádios e a banda foi questionada em suas intenções com a letra. O irmão do atirador de Parkland dizia que ele costumava andar pela casa com uma arma, tocando a música e fingindo que iria puxar o gatilho. “É melhor você correr, correr, mais rápido do que minha arma”, diz a letra. “É melhor correr, correr, mais rápido que minha bala.”
- Em 2011, na primeira temporada da série de TV *American Horror Story*, Tate Langdon, um dos personagens principais, realiza um tiroteio em sua escola. Além da vestimenta do personagem incluir vários itens caracterizados pela dupla de Columbine, uma das cenas exibe uma sequência na biblioteca que imita o que aconteceu em 1999, incluindo falas de uma das vítimas. Os produtores da série foram muito criticados pela romantização do personagem e dos atos cometidos por ele, que, apesar de ser retratado como problemático, tem um arco de redenção heroico que busca justificar suas ações. Além disso, seguindo a popularidade da série, a figura do personagem com uma máscara de caveira e casaco longo preto, muito similar à imagem de um dos atiradores de Columbine, podia ser encontrada

em inúmeros itens de merchandising como camisetas e canecas. No Massacre de Suzano (2019), o atirador mais novo estava usando uma máscara de caveira muito similar à deste personagem, fato que seria notado pela mídia.

A conclusão obtida a partir disso é que o impacto dos eventos em Columbine foi sentido de muitas formas diferentes, e talvez as vítimas do ataque em 1999 sejam apenas a ponta desse iceberg. Muitos assassinos subsequentes no mundo inteiro se inspiraram na dupla, saudando-os como heróis, mártires ou deuses. Mas um número ainda maior de pessoas expressou curiosidade pelo ataque e pelos atiradores, e um fascínio por suas histórias foi desenvolvido. Alguns são interessados pelo gênero de *true crime*⁵ e buscam saber mais detalhes sobre o ocorrido. Outros se identificam em um nível pessoal com os assassinos, ou ao menos com a narrativa construída em cima deles. São nesses casos que a linha entre o interesse e a admiração pode se tornar tênue demais.

Em 2019, no aniversário de 20 anos do ataque em Columbine, os Estados Unidos registraram mais tiroteios em massa do que dias no ano, totalizando 417 casos. Enquanto incidentes em locais de ensino ainda são muito mais raros, os números vêm subindo nos últimos anos, e não apenas nos EUA. No Brasil, os registros de tiroteios em escola são muito menos frequentes, mas nos últimos 20 anos ocorreram ao menos sete tragédias que se encaixam no perfil desse crime, sendo a última delas o massacre de Suzano, caso de estudo deste trabalho.

2.2 A EXPOSIÇÃO DA AUTORIA E DOS MÉTODOS

Em artigo para a revista *The New Yorker*, o jornalista Malcolm Gladwell (2015) escreveu sobre a forma como *school shootings* poderiam ser contagiosos, como uma doença viral. Ele citou a teoria dos “limiares” da influência social, um modelo criado pelo sociologista Mark Granovetter (Universidade de Stanford) para buscar entender o que motivaria um grupo de pessoas a cometer atos que, a princípio, fugiriam de quem eles são e do que acreditam ser correto. Ele usa protestos violentos⁶ como um de seus principais exemplos.

Em sua visão, um protesto não é apenas um conjunto de indivíduos, onde cada uma das pessoas reunidas decidiu de forma independente que iria quebrar uma janela ou incendiar uma

⁵ Em tradução literal, “crime real” designa um gênero de entretenimento cultural, como livros e podcasts, entre outros, onde se realiza uma análise de crimes reais e seus responsáveis. É um dos subgêneros mais populares do entretenimento.

⁶ A palavra usada na versão original é *riot*, que se traduz como um tumulto ou desordem, mas na prática é utilizada para denominar protestos ou manifestações violentas, não-pacíficas.

lata de lixo. Um protesto é um processo social, no qual as pessoas tomam decisões relacionadas e em resposta ao que está acontecendo ao seu redor. Para Granovetter, esse processo é determinado pelos seus limiares - o número de pessoas que precisam realizar alguma atividade antes que você decida realizá-la também. E esse modelo evolui como um incêndio, que começa aos poucos e pode ser apagado com facilidade, ou se espalhar e incendiar partes da casa que não estavam em perigo antes (GLADWELL, 2015).

Dessa maneira, tiroteios em escolas podem se comportar como um protesto ou incêndio, de uma forma que cada novo incidente normaliza ou encoraja novos participantes a se juntarem em um efeito de contágio. Conforme vimos anteriormente, existe uma correlação direta entre Columbine e diversos outros massacres que aconteceriam ao longo dos próximos anos nos Estados Unidos e no mundo. Sendo assim, os atiradores de 1999 foram aqueles que jogaram a primeira pedra na janela. Mas o eco de suas ações, exibidas em rede nacional e que os tornaram “famosos”, pode ter infectado potenciais assassinos ao longo dos próximos 20 anos.

Se doenças são espalhadas por pessoas ou animais, o principal vetor de contágio dessa infecção de violência é a notoriedade conferida aos atiradores, conforme explica estudo científico (TOWERS *et al.*, 2015) realizado por pesquisadores da Universidade do Arizona (ASU). De acordo com os pesquisadores, a notoriedade funcionaria não apenas como recompensa para os autores como também como um “chamado à ação” para outros indivíduos que pensam como eles, motivando-os a realizar atos de imitação.

Columbine, conforme já estabelecemos, foi uma tragédia que chocou a sociedade, e isso poderia explicar o tamanho da notoriedade que o evento recebeu da mídia, em 1999. Contudo, conforme explica a socióloga Jaclyn Schildkraut (2019), o *script* de cobertura de tiroteios em escolas criado em Columbine continua sendo seguido por muitos veículos de imprensa até hoje. O padrão de narrativa começa com imagens, às vezes ao vivo, das vítimas correndo para fora da escola com as mãos para o alto. Em seguida, são trazidos especialistas para comentar o incidente, passando também por filmagens das coletivas de imprensa com a polícia e representantes do governo. Então, acontece a identificação das vítimas e dos responsáveis, aonde voltam os especialistas para falar sobre mudanças estruturais na sociedade e nas leis, como menções a comportamento violento de jovens e controle sobre o porte de armas, entre outros.

Nos últimos anos, o avanço da tecnologia permitiu a introdução de novos elementos na narrativa midiática, como postagens de redes sociais, que muitas vezes buscam analisar a personalidade dos atiradores ou exibir fotos ou informações que o indivíduo possa ter

compartilhado antes de cometer o crime. Apesar disso, o padrão de cobertura tem se mantido o mesmo, assim como o tempo em que esses incidentes são notícia: cerca de uma semana (TOWERS *et al*, 2015). O que muda, dependendo do número de vítimas e do local do crime, é a quantidade de matérias e reportagens feitas nesse período.

Towers *et al* quantificaram a teoria do contágio em tiroteios em escolas, analisando incidentes passados para descobrir que existe um período durante o qual esse efeito de contágio aconteceria: cerca de até 13 dias após o primeiro crime, em média. O estudo também sugere que veículos midiáticos seriam um dos vetores de infecção do efeito de contágio. Além da correlação entre o tempo médio de divulgação dos eventos pela imprensa - uma semana - e o tempo de contágio - 13 dias -, também é citado como possível motivação a glorificação pública que os atiradores recebem durante as coberturas, com perfis sobre suas vidas e comportamentos, fotos suas e divulgação de conteúdos feitos por eles, como diários e vídeos. A notoriedade exerce um papel de recompensa para os autores, mas também funciona como um “chamado à ação” para indivíduos que pensam como eles, incentivando-os a cometerem atos de imitação.

Schildkraut (apud NEKLASON, 2019) chama essa cobertura excessiva do perfil de atiradores como “jornalismo irresponsável”. Um estudo de 2016 (WEATHERBY *et al.*, 2016) descobriu que os dois criminosos de Columbine foram mencionados duas vezes mais do que todas as 13 vítimas juntas na cobertura do maior jornal local do Colorado, o Denver Post; e quase sete vezes mais nos artigos do New York Times sobre o crime. Apesar das interpretações equivocadas sobre a motivação e a personalidade dos assassinos, essa busca incessante por respostas que explicassem a tragédia, feitas por constantes reportagens, entrevistas, divulgação de informações e fotos, entre outros, acabou trazendo exatamente o que a dupla desejava: exposição e fama.

É importante citar também outra consequência desse nível de exposição midiática: a falta de sensibilidade com as vítimas, seus familiares e os sobreviventes da tragédia. “A presença constante de câmeras e repórteres em cima de uma tragédia fez parecer com que as pessoas estivessem passando momentos de luto dentro de um aquário, com todas as lentes viradas para eles”, disse Schildkraut (apud NEKLASON, 2019, tradução minha⁷). Vítimas de diversos tiroteios em escola relataram seu incômodo com a exposição sofrida após o ataque, com repórteres fazendo vigília na frente das escolas e gravações sendo feitas durante os funerais das vítimas.

7 No original: The constant presence of cameras and reporters in the face of tragedy left people to grieve in a fishbowl, with all of these lenses posted up on them.

Acerca da percepção dessas narrativas problemáticas, assim como todo o conceito de contágio e influência no surgimento de novos ataques, é notório que mudanças precisam ser feitas na cobertura de tais acontecimentos. Contudo, é difícil afirmar com precisão qual seria a forma ideal de reportá-los, ainda que estudos estejam sendo realizados e movimentos tenham surgido na imprensa e na sociedade.

Nos últimos anos, muitas organizações midiáticas, figuras públicas e sobreviventes de ataques têm dedicado esforços para mudar o foco das narrativas, retirando-o dos atiradores, evitando dizer seus nomes, mostrar suas fotos e possíveis manifestos e conteúdos que tenham deixado. Em 2015, os pais de uma vítima do massacre que aconteceu em um cinema durante a exibição do filme *Batman*, no Colorado (EUA), em 2012, criaram um movimento chamado #NoNotoriety (em tradução literal, #SemNotoriedade). O objetivo deles era cobrar da imprensa estadunidense coberturas responsáveis em massacres, onde não se fosse utilizado o nome dos criminosos de forma gratuita, dando aos atiradores a fama que eles desejam. Em seu site, eles criaram um protocolo de mídia baseado em estudos sobre o tópico e a ajuda de especialistas.

Não estamos pedindo para excluir totalmente o nome (dos responsáveis) nas matérias. O que estamos pedindo é que a mídia leve em consideração a questão da segurança pública ao noticiar assassinatos em massa - aja de forma responsável. Priorize as vítimas, os heróis e os sobreviventes. (NO NOTORIETY, s.d., tradução minha⁸)

Em 2019, surgiu a campanha similar “*Don’t Name Them*” (em tradução literal, “Não os Nomeie”), criada por um instituto de prevenção de tiroteios em massa no Texas, EUA. Pete Blair, diretor executivo do instituto e professor de criminologia, afirmou que, ao exibir a figura do atirador em rede nacional, a imprensa está providenciando uma plataforma para ele.

Sabemos que o nome deles será divulgado. Não estamos sugerindo esconder nomes, mas queremos criar uma consciência de que, ao colocar atiradores na primeira capa do jornal, com cobertura completa sobre seus atos, você está dando o que eles querem, o que é uma má ideia. O objetivo principal (da campanha) é tirar o foco da narrativa do atirador, e ao invés disso falar da comunidade, dos heróis e, quando for apropriado, das vítimas. (DON’T NAME THEM..., 2019, tradução minha⁹)

⁸ No original: We are not asking to completely eliminate the name from reporting. What we are asking is for the media to take public safety into consideration when reporting on mass killers – act responsibly and voluntarily. Elevate victims, heroes and survivors.

⁹ No original: “We know the name is going to get out there,” Blair said. “We aren’t suggesting it should be hidden in some way, but rather be aware that if you make this person the front-page story with wall-to-wall coverage, you’re providing them what they want, which is bad. The general idea is to shift focus away from the offender and instead talk about the community, the heroes and when appropriate, the victims.”

Após o massacre de Christchurch, na Nova Zelândia, a primeira-ministra Jacinda Arden assumiu uma postura similar ao que esses movimentos defendem. “Ele (o atirador) buscava realizar muitas coisas com seus atos de terror. E uma delas era ganhar notoriedade. É por isso que você nunca vai me ouvir mencionando seu nome”, afirmou ela (apud WAHLQUIST, 2019), no primeiro pronunciamento oficial após o ataque.

Towers *et al.* (2015) sugerem que minimizar o foco nos autores pode auxiliar a reduzir esse impacto de influência do efeito de contágio em tiroteios em massa. Contudo, uma completa omissão de informações sobre os autores do crime pode levar à propagação de informações incorretas e à criação de teorias conspiratórias, além da possibilidade de protestos e acusações de censura por parte do público. Na era que as *fake news* são tão populares e propagadas sem discriminação, é essencial que o jornalismo exerça seu papel de mediador e atue de forma cautelosa e responsável na cobertura e divulgação desses casos.

Em resposta ao debate, a revista investigativa Mother Jones (FOLLMAN, 2015) criou uma série de recomendações baseadas em entrevistas e pesquisas com especialistas no tema, com o objetivo de contribuir para o debate sobre a cobertura desses eventos. Entre as indicações, estão: evitar a inclusão do nome dos autores nas capas e chamadas de notícias; minimizar o uso de seus nomes para apenas quando for necessário; não divulgar muitas fotos dos criminosos, especialmente aquelas postadas por eles em redes sociais, portando armas e acessórios; não citar ou exibir conteúdos como vídeos ou manifestos feitos por eles e, por fim, não focar excessivamente no número de mortos, pois esse é um dos objetivos de notoriedade que os criminosos buscam alcançar.

Recentemente, houve avanços na questão da notoriedade dos autores de tiroteios em escolas, sendo um dos mais exemplares a repercussão de protestos de alunos após o ataque em Parkland, na Flórida (EUA) em 2018. As manifestações de alunos exigindo mudanças do governo e a responsabilização correta dos culpados por parte da mídia viralizaram nos dias seguintes ao ataque, o que resultou em uma cobertura muito mais focada nas vítimas e nos sobreviventes, apagando quase por completo a figura do atirador. Apesar disso, é essencial lembrar que, hoje em dia, a divulgação de acontecimentos não depende somente da imprensa. A internet e as redes sociais ocupam um enorme espaço na forma como o grande público se informa, e isso é relevante tanto para a exposição de informações e detalhes para internautas quanto para a perpetuação e contágio da influência de ataques em outros potenciais atiradores. Os autores de Columbine tiveram que esperar a polícia encontrar seus vídeos, diários e outros conteúdos perturbadores relacionados ao ataque que eles executaram. Hoje, atiradores podem

postar suas fotos e manifestos nas redes sociais, a exemplo da postagem no Facebook feita por Guilherme Tauci Monteiro, um dos autores do Massacre de Suzano. Na foto, publicada poucas horas antes do crime, Guilherme usa máscara de caveira e aponta um revólver para a câmera – o mesmo que seria utilizado no ataque. Em seguida, iremos apresentar uma reconstrução cronológica do acontecimento trágico de 13 de abril na Escola Raul Brasil.

2.3 O ACONTECIMENTO MASSACRE DE SUZANO

Na manhã de 13 de março de 2019, um adolescente e um homem encapuzados entraram na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano, no interior de São Paulo (SP), e mataram sete pessoas, sendo cinco alunos e duas funcionárias do colégio. Em seguida, o mais novo atirou no outro, matando-o, e depois se suicidou. Antes de chegarem ao colégio, já haviam matado o tio de um deles, dono de um empreendimento na região. Ambos eram ex-alunos da escola. Guilherme Tauci Monteiro tinha 17 anos e Luiz Henrique de Castro, 25.

Homicídios em massa cometidos dessa forma, em escolas, são pouco comuns no Brasil, e o caso gerou grande comoção na mídia brasileira, sendo amplamente explorado na televisão, rádio e jornais. Apesar da baixa ocorrência desse tipo de crime no país, como foi abordado anteriormente, *school shootings* são frequentes nos Estados Unidos, e muitos veículos midiáticos imediatamente destacaram ligações entre o ocorrido em Suzano e alguns desses ataques¹⁰, assimilando também a forma como os crimes são veiculados pela mídia estadunidense: extensa e detalhada cobertura da repercussão do ocorrido, muitas vezes ao vivo, e grande exposição da figura dos assassinos, assim como busca por motivações.

Poucas horas após o crime ter acontecido, já era possível acessar muitas informações apuradas pelos principais veículos jornalísticos, como uma aproximada linha do tempo do crime, fotos dos assassinos e suas supostas relações com fóruns anônimos na internet, além de muitos relatos dos sobreviventes, contagem atualizada das vítimas e entrevistas com policiais e equipes de inteligência da polícia. A partir disso, foi possível determinar rapidamente e com detalhes o que tinha acontecido na escola.

Aproximadamente às 9h30 da manhã do dia 13 de março, quarta-feira, os dois criminosos chegaram à locadora de veículos do tio de Guilherme e dispararam contra ele. Jorge Antônio Moraes, que era proprietário do estabelecimento, teria descoberto o plano deles e, por

¹⁰ Como nestes textos: <https://bit.ly/3msZSIY>; <https://bit.ly/2E7gGDX>; <https://bit.ly/3yosEAj> e <https://bit.ly/2ZGP4gA>.

isso, eles teriam feito uma “queima de arquivo”. Jorge chegou a ser levado ao hospital, mas morreu durante a cirurgia. Foi a primeira vítima fatal do massacre.

Na sequência, os dois assassinos entraram em um Chevrolet Onix branco, que depois seria identificado nas câmeras de vigilância, e seguiram para a escola, aonde chegaram em torno das 9h40, durante o intervalo da manhã. O horário teria sido escolhido propositalmente para aumentar o número de potenciais vítimas (EX-ALUNOS..., 2019). Um vídeo da câmera de segurança da escola mostra que o mais novo deles entrou primeiro, vestido de preto, usando um lenço com estampa de caveira, e sacou um revólver da mochila, para então começar a atirar em direção a um grupo de alunos que estava no pátio. As vítimas seguintes foram a coordenadora pedagógica, Marilena Ferreira Umezu (59 anos), e a agente de organização escolar, Eliana Regina de Oliveira (38). Elas morreram na hora.

Em seguida, o mais velho teria entrado e utilizado uma machadinha para tentar impedir que os alunos fugissem pelo portão. O outro assassino seguiu pela escola, atirando em outros alunos do ensino médio que estavam no intervalo. As próximas vítimas foram os alunos Kaio Lucas da Costa Limeira (15 anos), Cleiton Antonio Ribeiro (17), Caio Oliveira (15), Samuel Melquiades Silva de Oliveira (16) e Douglas Murilo Celestino (16).

Alertada pelo crime ocorrido na locadora de veículos, a polícia militar chegou à escola cerca de oito minutos após a entrada dos assassinos. Nesse momento, os atiradores se dirigiam para o centro de línguas que funciona na escola, em outro andar. Lá, uma professora e vários alunos tinham se trancado em uma sala de aula. Percebendo a chegada dos policiais, os criminosos abortam o plano de entrar no centro de línguas e decidem encerrar seu massacre. Na sequência, um dos criminosos atira no outro e depois se mata. Ao total, oito pessoas foram mortas e outras onze ficaram feridas no ataque que receberia o nome de “Massacre de Suzano”.

O crime foi o oitavo ataque a escolas registrado no Brasil desde 2002 (BASILIO, 2019), e o segundo com maior número de mortos: dez, sendo sete vítimas ligadas à escola, o tio de um dos criminosos e os dois assassinos. O único caso com mais vítimas fatais é o massacre de Realengo, que matou 11 pessoas em 2011. Outro ponto destacado pela polícia após o isolamento da escola foi o grande número de armas encontradas na cena do crime - além de um revólver e munições rápidas, foram achados também um machadinho, coquetéis Molotov, uma besta (arma similar às utilizadas na era medieval), um arco e flecha e uma mala com fios que aparentava ser uma bomba, mas logo foi descartada como uma imitação pelo Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) da Polícia Militar, que interditou a escola na tarde após o massacre.

A quantidade de preparativos dos assassinos para o ataque foi um dos fatores mais divulgados pela polícia e especulados pela mídia, pois isso levou à investigação da possibilidade de o ataque ter sido planejado e premeditado com a possível influência ou mentoria de terceiros. Em uma matéria intitulada “Massacre em Suzano: o que se sabe até agora”, divulgada inicialmente às 11h43 do dia 13 de março e posteriormente atualizada múltiplas vezes com novas informações, o portal G1 afirma que ainda não há mais informações sobre a motivação dos ataques, mas que se sabe que os dois criminosos eram ex-alunos e que frequentavam uma *lan house* em Suzano para “usar internet e participar de jogos on-line de combate com armas” (MASSACRE EM..., 2019).

No dia seguinte, uma matéria no mesmo portal trouxe a informação de que o Ministério Público de São Paulo estava apurando se uma organização criminosa na *deep web*¹¹ teria incitado os assassinos a cometerem o crime (TOMAZ *et al.*, 2019). De acordo com o procurador-geral da Justiça Gianpaolo Smanio, os indícios disso partiam de uma mensagem que teria sido deixada por um dos criminosos em um fórum anônimo: “Muito obrigado pelos conselhos e orientações... esperamos não cometer esse ato em vão”, teria escrito ele dois dias antes do massacre em Suzano. Além disso, no mesmo dia do ataque a polícia afirmou ter encontrado dois cadernos (SALERNO; ARCOVERDE, 2019) no carro utilizado pelos criminosos, o Onix branco deixado na frente da escola. Esses cadernos continham desenhos de armas, algumas informações sobre táticas de jogos de combate e também regras de conduta da escola onde foi realizado o ataque. Essas informações levaram a polícia a acreditar que o ataque estava sendo planejado havia mais de um ano e que teria inspiração direta de massacres similares ocorridos nos Estados Unidos, especialmente o caso de Columbine (1999).

Outro ponto importante a ser destacado é que, durante as primeiras horas após o ataque, os veículos de imprensa se dedicaram a buscar detalhes sobre a vida pessoal dos assassinos e suas motivações. Menos de duas horas após o incidente, a revista *Veja* divulgou uma notícia que continha fotos do perfil de Facebook de um dos assassinos, em que ele portava uma arma e usava a mesma máscara de caveira do dia do ataque (ROMANO, 2019). Outro tópico frequentemente citado era a relação entre o crime e os fóruns anônimos, a *deep web* e uma série de informações cruzadas, muitas sem embasamento. Isso gerou muitos debates sobre jovens que sofrem *bullying* e encontram na internet espaços onde acreditam poder exprimir suas ideias e se vingar contra o sistema, mas também acabou divulgando informações sobre esses fóruns e

¹¹ Internet profunda, em tradução literal, significa a parte da internet que não pode ser acessada tão facilmente, como por ferramentas de busca como o Google.

como chegar a eles. Com uma série de prints desses fóruns, que divulgavam nomes e conteúdos, o portal Vice (DECLERCQ, 2019) confirmou a informação de que os assassinos teriam pedido orientação de membros desses fóruns e que, após o crime, teria acontecido uma “comemoração” entre os membros.

Comportamentos como esses exemplificam o tumulto e a comoção que parte da imprensa brasileira estava fomentando durante a cobertura do acontecimento. Aliado a isso, e talvez como consequência, o crime foi muito citado e divulgado nas redes sociais, incluindo imagens fortes e muitas informações especuladas. Além disso, o massacre de Suzano gerou manifestações públicas sobre a flexibilização do uso de armas pela população, um tema que estava sob debate naquele momento, e sobre a possível relação entre o crime e o uso de videogames violentos. O senador Major Olímpio (PSL-SP), por exemplo, disse em discurso no Senado: “Se tivesse um cidadão com arma regular dentro da escola, professor, servente, um policial militar aposentado, ele poderia ter minimizado o tamanho da tragédia” (SETO, 2019). O vice-presidente da República, Hamilton Mourão (PRTB), disse que o uso excessivo de videogame, de jogos considerados violentos, poderia explicar a ocorrência de massacres como o de Suzano (ORENSTEIN; CORSALETTE, 2019).

É evidente que a busca de informações que pudessem explicar o comportamento dos assassinos era uma pauta de alta importância para a imprensa e que, quando essas informações chegaram, foram intensa e amplamente exibidas para o público. Sabemos, porém, que o jornalismo não se resume a relatar os fenômenos da vida concreta, mas constrói sentidos sobre esses fenômenos, sobre os sujeitos e as instituições envolvidos nos acontecimentos. No próximo capítulo, debatemos o papel do jornalismo na construção de sentidos sobre acontecimentos que trazem, para o centro da narrativa, sujeitos complexos.

3 JORNALISMO, ALTERIDADE E ACONTECIMENTO

3.1. O JORNALISMO COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL

O jornalismo é uma atividade indispensável para o funcionamento da sociedade como a conhecemos. “A ânsia de notícias é um instinto básico do ser humano; é o que designamos por ‘instinto do conhecimento’”, afirmam os pesquisadores Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p.19). Para eles, as pessoas se informam por que sentem a necessidade de tomar conhecimento daquilo que foge de sua experiência direta, e ter conhecimento sobre o desconhecido traz segurança. Assim, as notícias fazem parte de nossa vida: nos atualizam sobre o mundo e estão presentes em nossa rotina diária, seja no jornal que lemos ao acordar, na linha do tempo da rede social que checamos durante o almoço ou em uma conversa com amigos depois do trabalho. “(...) jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos diariamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO¹² apud LAGO, 2014, p. 174).

Desde o seu surgimento, a atividade jornalística vem sofrendo mudanças que caminham conforme o desenvolvimento da sociedade e o surgimento de novas tecnologias que alteram os processos comunicacionais. A partir do início do século XX, a rapidez com que as inovações chegam e como isso impacta a experiência da temporalidade nas práticas sociais passou a exigir atualizações cada vez mais frequentes na execução do trabalho da mídia. Apesar disso, Kovach e Rosenstiel (2001) defendem que a modernização dos meios não desvia o jornalismo de sua responsabilidade principal: sua colaboração para a construção da cidadania e da democracia.

A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem. [...] Os meios de comunicação jornalística ajudam-nos a definir as nossas comunidades e permitem-nos criar uma linguagem e conhecimento comuns, com base na realidade. O jornalismo ajuda ainda a identificar os objetivos, os heróis e os vilões de uma comunidade. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 16).

Dois fatores que aproximaram o jornalismo da concretização de sua função e finalidades foram sua profissionalização e a definição do objeto notícia. Segundo Carlos Eduardo Franciscato (2005), foi a partir do século XIX que a consolidação da atividade de repórter como profissão trouxe práticas e características específicas ao meio, ligadas às inovações tecnológicas

¹² BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1992.

que surgiam, como a invenção de máquinas com função comunicativa - telégrafo, telefone, entre outros - e a contratação desses profissionais para o mercado de empresas jornalísticas. Os interesses comerciais uniram-se às motivações acadêmicas de formação e estudo da área e, com o tempo, as regras e códigos de conduta da prática jornalística foram sendo desenvolvidas e consolidadas.

O segundo aspecto é a caracterização do principal objeto produzido pelo jornalismo, a notícia. Essa definição parte da pergunta mais essencial que deve ser feita: o que torna essa situação, objeto ou temática uma notícia? As respostas encontradas a partir desse questionamento, aplicadas ao contexto da rotina jornalística, geraram o que ficou conhecido como critérios de noticiabilidade. Wolf¹³ (*apud* Franciscato, 2005, p. 171) definiu o termo noticiabilidade (do inglês, *newsworthiness*) como um “conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos (...) para adquirirem a existência pública como notícia”.

A notícia, então, é o produto resultante de uma sequência complexa de elementos, convergência de sistemas sociais, regras de conduta da atividade e interesses externos, conforme defende Nelson Traquina (2002, p. 120): “(...) as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização”.

Esta relação criada entre o jornalismo e o público é sustentada devido ao valor de instituição social que a atividade adquiriu.

O jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Após perceber alguns dos processos que constituíram a atividade jornalística e sua consolidação como instituição social, ainda nos resta o questionamento: para que serve o jornalismo? Gisele Dotto Reginato (2019) sugere que existem 12 finalidades ou responsabilidades a serem cumpridas pelo jornalismo em uma sociedade democrática. A ideia proposta é a de que as notícias são vistas como conhecimento, ao menos por uma parte da sociedade, o que leva o trabalho do jornalista a ser guiado pelo papel social do jornalismo. Em suas palavras, o jornalista deve se perguntar: “isso que faço serve para quê?” (REGINATO,

¹³ WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 3.ed. Lisboa: Presença, 1994.

2019, p. 222). Não é necessário que toda pauta jornalística atenda a cada uma das finalidades de uma vez só, porém é importante buscar alcançá-las de modo mais amplo. O jornalismo, afinal, serve à vida pública e à sociedade em geral.

Estas são as finalidades defendidas por Reginato (2019): a) informar de modo qualificado; b) investigar; c) verificar a veracidade das informações; d) interpretar e analisar a realidade; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; f) selecionar o que é relevante; g) registrar a história e construir memória; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo; i) integralizar e mobilizar as pessoas; j) defender o cidadão; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade para a sociedade. Para o desenvolvimento deste trabalho, iremos analisar em maior detalhe seis dessas finalidades.

- Informar de modo qualificado:

A mais importante das responsabilidades do jornalismo, essa é a finalidade à qual todas as outras devem se submeter, conforme Reginato (2016). É da responsabilidade primária de um agente midiático fornecer para a sociedade um resumo do que acontece no mundo ao seu redor e garantir que uma gama variada de públicos tenha acesso a essas informações. “Para ser qualificada, a informação deve ser verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente.” (Reginato, 2016, p. 222).

- Investigar:

É função do jornalista investigar as circunstâncias de um acontecimento e seus mínimos detalhes, buscando trazer à tona aquilo que não é tão facilmente identificado. O processo jornalístico de investigar é o que diferencia o trabalho desse profissional de um mero relato opinativo, que conta o que as fontes lhe dizem. Em uma perspectiva do interesse público, a investigação serve para atribuir “significados e sentidos intelectualmente honestos ao que acontece e é relatado” (CHAPARRO¹⁴ *apud* Reginato, 2019, p. 226).

- Verificar a veracidade das informações:

¹⁴ CHAPARRO, Manuel. Linguagem dos conflitos. Coimbra: Minerva, 2001.

De acordo com a definição do dicionário¹⁵, verificar significa examinar, analisar o teor de verdade em algo; averiguar a veracidade das coisas. Sendo assim, quando Kovach e Rosenstiel (2004, p. 36) afirmam que “a primeira obrigação do jornalismo é para com a verdade”, pode-se dizer que a verificação configura-se como parte essencial do desenvolvimento da atividade jornalística, e ambas as atividades são, além de complementares, inseparáveis. E o público concorda com isso.

Este desejo de que a informação seja verdadeira é elementar. Uma vez que as notícias são o material que as pessoas utilizam para conhecer e pensar sobre o mundo para além da própria experiência, estas devem ser, acima de tudo, utilizáveis e fiáveis. (...) De fato, a verdade cria um sentimento de segurança que resulta do conhecimento e que reside na essência das notícias. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p. 37).

É importante mencionar também que a era digital não amenizou a necessidade dessa finalidade, ao contrário. Quanto maior o número de informações às quais a população tem acesso, mais importante é que o jornalismo verifique essas informações, fazendo um filtro entre o que é relevante e o que não é (REGINATO, 2019). A apuração rigorosa dos fatos é, afinal, o que diferencia o jornalismo de outras formas de mídia, como o entretenimento e a ficção. E é também um fator essencial para a construção da credibilidade que o público deposita na instituição do jornalismo. O leitor pressupõe essa credibilidade justamente porque espera que o conteúdo que consome seja verdadeiro e tenha sido submetido aos processos de verificação e edição (LISBOA; BENETTI, 2015). Reginato (2019) adiciona, à responsabilidade da apuração de dados, a necessidade de também verificar discursos já noticiados, não apenas os materiais inéditos dos acontecimentos. Para checar falas e pronunciamentos públicos existe o *fact-checking*, que qualifica o debate público por meio da apuração jornalística, analisando a veracidade de declarações e discursos públicos e contextualizando informações. Em luz do crescimento exponencial da circulação de informações em redes sociais e do fenômeno das *fake news*, é primordial que o jornalismo priorize essa atividade como forma de assegurar mais uma de suas finalidades: a fiscalização do poder e o fortalecimento da democracia.

Por fim, é importante ressaltar que todos os conceitos referenciados aqui falam sobre aspectos teóricos do dever-ser, que nem sempre são seguidos em sua totalidade na prática jornalística. Além disso:

A verdade requer comprometimento e dedicação ao processo de verificação, e essa busca se torna mais efetiva quando os jornalistas e o público se unem de uma forma que combina a estrutura e a autoridade das técnicas do jornalismo tradicional e o poder

¹⁵Dicionário online: <https://www.dicio.com.br/verificar/>

de uma comunidade conectada.” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2014, p. 74 tradução minha¹⁶).

- Interpretar e analisar a realidade:

É papel do jornalismo traduzir os acontecimentos e explicá-los de forma aprofundada e compreensível ao seu público, entregando ao leitor uma informação contextualizada e útil para sua percepção mais ampla do mundo. “O jornalista só terá lugar se for capaz de enriquecer a informação que já está em circulação, de ajudar a traduzi-la, explicá-la, dar o seu contexto, dar o seu sentido profundo” (BUCCI¹⁷ *apud* REGINATO, 2019).

Em tempos de redes sociais e quantidades massivas de informação circulando no ambiente digital, disponível para todos, é de suma importância que o jornalismo exerça a função da contextualização. Para Lückmann e Fonseca (2017) contextualizar significa fornecer um *background* contendo o máximo de informações relevantes possíveis já divulgadas sobre o tema que gerou o acontecimento, e isso inclui antecedentes históricos e sociais que podem ser úteis para a melhor compreensão do fato.

- Selecionar o que é relevante:

É essencial que o jornalismo saiba definir o que é relevante, de forma a escolher corretamente o que deve ser noticiado e estabelecer níveis de hierarquia. Para compreender essa finalidade, Reginato (2019, p. 234-235) traz para o debate a definição de relevância: “A relevância se constrói na relação entre jornalismo e público: ao mesmo tempo em que é um valor-notícia presente no processo de seleção e construção da notícia (Traquina, 2002¹⁸), também é constituída pela percepção da audiência conforme seus interesses, identificações sociais e sentimentos de proximidade (Dalmaso, 2017¹⁹)”. A questão da relevância é muito importante para a constituição da notícia, pois ela orienta a mídia, os jornalistas e os leitores

¹⁶ No original: The more compelling sense is that truth requires commitment, a dedication to a process of verification, and that search is made more powerful when journalists and the public are knit together in a way that mixes the structure of traditional journalism techniques and authority with the power of the networked community.

¹⁷ BUCCI, Eugênio. O papel da mídia na sociedade digital. In: BUCCI, Eugênio; BASILE, Sidnei. Jornalismo sitiado. São Paulo: Log On, 2006.

¹⁸ TRAQUINA, Nelson. Jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002.

¹⁹ DALMASO, Silvana. Jornalismo e relevância: o discurso dos leitores dos jornais de referência no Facebook. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

sobre a importância que devem conferir a um acontecimento, a necessidade dele se tornar conhecimento público.

Ao dar visibilidade pública a determinados fatos, a instituição jornalística não só mostra ao seu ‘leitor’ que certos conteúdos possuem sentido de relevância para a vida social, mas também investe um sentido de relevância para estes eventos (FRANCISCATO²⁰ *apud* REGINATO, 2019, p. 225).

“O que é importante de ser noticiado depende, assim, do tipo de veículo e do segmento ao qual ele se destina. As informações se tornam relevantes principalmente por alguns critérios: serem atuais, úteis e impactarem a vida pública e privada das pessoas” (REGINATO, 2019, p. 235). Esse conceito pode variar também de acordo com a época, o veículo e seu público-alvo. Afinal, o que é relevante para certo grupo pode não ser para outro.

A evolução da tecnologia e dos meios de comunicação aumentou a importância dessa finalidade no jornalismo. “Em meio à profusão de banalidades, inverdades e boatos, o jornalismo é ainda mais necessário para filtrar qual informação é relevante e confiável, mostrando para o leitor onde está a informação de qualidade” (REGINATO, 2019, p. 235).

- Esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade na sociedade:

O mundo é um lugar complexo, diverso e plural, repleto de inúmeras histórias, indivíduos e experiências, e é responsabilidade do jornalismo auxiliar o cidadão a navegar neste oceano de informações; apresentar-lhe diferentes facetas e problemáticas que uma questão pode ter e facilitar a formação de sua opinião crítica sobre o que lhe cerca.

Reginato (2019) esclarece que a finalidade deve ser exercida, além do campo informativo, no opinativo também. Para obter a maior clareza possível sobre um assunto, é importante que vozes diferentes sejam escutadas, e isso não significa apenas incluir a opinião de pessoas diferentes. Benetti (2007) alerta sobre o perigo do discurso falsamente polifônico, que aparenta apresentar múltiplas fontes, porém sob análise detalhada todas revelam-se “enunciadas da mesma perspectiva, filiadas aos mesmos interesses e inscritas na mesma posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras” (p. 119), se tratando na verdade de um discurso construído por um único enunciador, monofônico.

²⁰ FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2003.

A expectativa que se deposita no jornalismo, enquanto discurso público, é que ele consiga difundir discursos plurais e abarcar visões de mundo diferentes de forma a visibilizar e problematizar (...) assuntos que muitos jornalistas e veículos ainda tratam de forma desviante, como racismo, homofobia, machismo e temas de direitos humanos (REGINATO, 2019, p. 241).

Além dos temas citados acima, outro assunto relevante que deveria ser mais abordado em sua complexidade pela mídia são as questões de saúde mental e depressão, especialmente em jovens. Muito se fala sobre *bullying* e estatísticas de suicídio nas faixas etárias mais novas, mas ainda existe um estigma forte na imprensa no que diz respeito à cobertura dessa temática.

“Para apresentar a pluralidade da sociedade, o jornalismo deve também contextualizar as informações para que possa construir conhecimento acerca dos aspectos da realidade (Genro Filho, 1987²¹). O jornalista deve inserir o singular em um contexto e explicá-lo para o leitor, construindo sentidos sobre como o mundo funciona, estabelece valores e prioridades” (REGINATO, 2019, p. 241).

3.2 OS SENTIDOS SOBRE O OUTRO

Estabelecido o propósito do jornalismo como instituição social e suas finalidades, chega o momento de problematizá-lo como lugar de linguagem. Conforme entendemos anteriormente, o jornalismo parte de um lugar singular, não ocupado por outras instituições, e constitui-se como um discurso que circula e produz sentidos sobre os acontecimentos. Marcia Benetti (2007, p. 108) defende que “o jornalismo é um discurso a) dialógico; b) polifônico; c) opaco; d) ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; e e) elaborado segundo condições de produção e rotina particulares”.

Por dialógico e polifônico, refere-se à relação entre sujeitos e sentidos. O discurso jornalístico não existe por si mesmo, ele depende da existência de intersubjetividade - o conceito de que o discurso é construído em um espaço *entre* sujeitos. “Os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-ação texto/leitor” (MARIANI²² *apud* BENETTI, 2007, p. 109).

Por opaco, se quer dizer não-transparente (BENETTI, 2007). Também não existe literalidade nesse discurso, e sim a utilização de estratégias que geram efeitos de literalidade.

²¹ GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

²² MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

A atividade jornalística exerce um papel regulador na sociedade, porém ela não é neutra ou imparcial em seus objetivos e execução. Uma vez que o jornalismo é feito por pessoas reais, com visões de mundo e opiniões próprias, que por sua vez são influenciadas pelos acontecimentos que transcorrem a sua volta, seria ingênuo dizer que o jornalismo simplesmente reflete o mundo como um espelho, mostrando-o em sua totalidade.

Os media não relatam simplesmente e de uma forma transparente acontecimentos que são só por si “naturalmente” noticiáveis. “As notícias” são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (HALL *et al.*, 1993).

As teorias construcionistas, que surgem nos estudos jornalísticos no século XX, preferem estudar o jornalismo como uma construção social da realidade, na qual as notícias são moldadas a partir dos valores e da subjetividade dos jornalistas, entre outros aspectos. Traquina (2002) elenca algumas das razões pelas quais essa abordagem ganha sentido sobre a teoria do espelho: 1) é impossível distinguir radicalmente a realidade das notícias, pois essas mesmas notícias constroem percepções sobre a realidade; 2) a linguagem por si própria não cria significados, pois uma linguagem neutra é impossível; 3) devido a fatores estruturais e interesses econômicos, os meios acabam por fabricar sua própria representação dos acontecimentos.

De forma mais ampla, o jornalismo constrói sentidos sobre a realidade, em um processo de contínua e mútua interferência. De forma mais restrita, a notícia é uma construção social que depende basicamente de seis condições de produção ou existência: a realidade, os constrangimentos impostos aos jornalistas no sistema organizacional, as narrativas que orientam o que os jornalistas escrevem, as rotinas que determinam o trabalho; os valores-notícia dos jornalistas; as identidades das fontes de informação utilizadas e seus interesses (BENETTI, 2007, p. 111).

Os critérios que os valores-notícia os jornalistas acionam são apenas alguns dos aspectos do processo de construção das notícias. A identificação e a contextualização dos acontecimentos são igualmente importantes para torná-los compreensíveis e ganharem significado para o público. É nesse momento que o jornalismo aciona os chamados mapas culturais de significado, interpretações e reflexões sobre a sociedade e a cultura que nos cerca (HALL *et al.*, 1993). Para que o acontecimento faça sentido, é preciso que ele seja assimilado no contexto do sistema cultural vigente, integrado no universo de significação comum (CHARAUDEAU, 2013).

As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. (...) A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a qual eles fazem referência inteligível a leitores e espectadores (HALL *et al.*, 1993, p. 311).

Hall *et al.* (1993) reforçam que os meios, ao cumprirem o papel de conferir importância a um acontecimento transformando-o em notícia, criam interpretações significativas e influentes sobre a forma como o mundo o percebe, estabelecendo “consensos” a respeito de comportamentos e padrões. Além disso, acabam, mesmo que involuntariamente, contribuindo para a formação das ideologias e normas hegemônicas que regem a sociedade. “Ao lidar essencialmente com o que é inesperado, incomum ou perigoso, o jornalismo acaba indicando o que seria socialmente desejável, normal ou adequado” (BENETTI, 2007, p. 110).

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso (CHARAUDEAU, 2013, p. 131).

Por fim, compreende-se que, na constituição de seu papel e finalidades, o jornalismo estabelece uma credibilidade com seu público, um vínculo que os une. Essa credibilidade deriva, de acordo com Benetti (2008, p. 21), “da compreensão (social) de que o jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade”.

O vínculo do jornalismo com seu público é, dessa forma, um elemento de ordem da intersubjetividade que opera com percepções como credibilidade, confiabilidade e legitimidade, independentemente de considerarmos se o leitor assume o papel de consumidor ou cidadão. Esta legitimidade social que a instituição jornalística conquistou para realizar um relato fiel das ocorrências cotidianas torna-se um alicerce ao mesmo tempo essencial e instável, pois é cotidianamente colocada em questão quando, a cada edição do jornal (...) o indivíduo opta por renovar este vínculo (FRANCISCATO, 2005, p. 172).

Narrar a realidade é mostrar a pluralidade na sociedade, difundir vozes e visões de mundo diferentes a fim de dar visibilidade e problematizar questões importantes (REGINATO, 2019). O campo jornalístico não deve favorecer certos sujeitos ou grupos sociais em sua narrativa, nem reforçar preconceitos, mas tem de apresentar “um quadro amplo e não distorcido sobre o que acontece” (LAGO, 2014, p. 173). Claudia Lago parte da premissa que a incorporação do Outro no discurso jornalístico de referência é essencial para alcançar o objetivo de manutenção e evolução da democracia, e é uma obrigação moral do jornalismo exercer esse

papel. Contudo, é importante notar que o conceito de pluralidade é muito mais complexo do que apenas apresentar diferentes pontos de vista em uma notícia. “(...) implica contemplar e incorporar o Outro” (LAGO, 2014, p.176).

Chamamos “Mesmo” às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, euforizadas pela mídia e homólogas à valorização média de seus públicos. Chamamos “Outro” às séries de paisagens culturais e políticas, juntamente com seus valores, frente às quais a mídia estabelece distâncias relativas, calculadas, homólogas ao afastamento que seus públicos mantêm. Frente ao Outro é preciso resguardar-se, qualificando-o como exótico [...], é preciso ocultá-lo do holofote, deixá-lo nas margens; assim, ele pode ser assimilado, admitido ou segregado [...]. (AIDAR; BAIRON²³ apud LAGO, 2014, p. 176).

A alteridade, definida como “o fenômeno que envolve o “eu” e o “outro” em relação de interdependência no mundo” (FREITAS; BENETTI, 2017, p. 14), é o princípio do ato comunicacional.

Para Charaudeau (2013²⁴), é falando de, com e para o “outro” (...) que conseguimos descrever o mundo em sua complexidade. O princípio do jornalismo está justamente em perceber o “outro”, tornando-o visível e compreensível, seja pelo processo de assimilação (tal como um semelhante), seja pelo de diferenciação entre os sujeitos postos em relação (dentro e fora do texto) na narrativa. (FREITAS; BENETTI, 2017, p. 20).

Segundo Pierre Bourdieu (1997), os jornalistas partilham de estruturas invisíveis, “óculos”, através dos quais veem certas coisas e não outras. O material dos quais esses óculos são feitos, a “lente” pela qual os meios enxergam o mundo já é, por si só, uma construção da realidade que esbarra nos processos de significação e designação de consensos hegemônicos que Hall *et al.* (1993) explicam e que citamos anteriormente. O jornalismo, conforme cita Benetti (2007) é ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos, e isso não é diferente na narração do Outro. A importância (ou falta de) que os meios conferem ao assunto, a linguagem utilizada nas notícias e as próprias narrativas jornalísticas são fatores determinantes na construção da imagem que a sociedade forma deste Outro. E as respostas que os jornalistas encontram nessas questões podem acabar, de modo intencional ou não, contribuindo para os preconceitos gerados na sociedade. Isso porque o jornalismo é composto de sujeitos que carregam suas próprias visões de mundo, seus próprios “consensos”, seus próprios preconceitos. Quando o jornalista entra em choque com o Outro e não consegue colocar em

²³ AIDAR PRADO, José Luiz; BAIRON, Sérgio. A construção do outro na mídia semanal. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

²⁴ CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

prática os conceitos da alteridade, nem lembrar da importância de narrar corretamente o Outro, é muito possível que sua produção seja impactada por esses sentidos já estabelecidos por estereótipos ou tipificações. Dependendo da influência e do número de vezes que esse fenômeno é reproduzido, essas narrativas podem contribuir para o discurso hegemônico do preconceito e da desigualdade.

Representar o outro é um desafio para o jornalismo porque significa o constante exercício de se colocar no lugar do outro, de estar disposto a “trocar de óculos”. “Construir um jornalismo capaz de incorporar o Outro em sua plenitude é um desafio que esbarra não só na estrutura do campo, mas também na formação dos próprios jornalistas para perceberem e serem contaminados por esta necessidade” (LAGO, 2014, p. 177). Contudo, é somente por meio desta atividade que o jornalismo consegue desenvolver compreensão de outras vivências e oferecer uma construção de sentidos mais ampla sobre estas realidades.

Na dimensão discursiva do jornalismo, podemos identificar uma pluralidade de vozes que desejam comunicar algo e que recria e “reproduz os conhecimentos gerados por outros atores” (Benetti, 2007, p.110), que não os jornalistas. Essa polifonia, quando ocorre, vai conformar o fenômeno da alteridade no texto jornalístico - pois cada voz que se manifesta é uma possibilidade de perceber a alteridade (...). (BENETTI; FREITAS, 2017, p. 19)

É importante lembrar que o jornalista nunca poderá conhecer plenamente a realidade do Outro, pois não tem sua experiência nem está cotidianamente situado naquele lugar que busca narrar. Ainda assim, o jornalismo tem como desafio construir narrativas que não sejam excessivamente redutoras, para ajudar o leitor a ter uma visão mais complexa do mundo.

3.3 O ACONTECIMENTO

Para Walter Lippmann (2010), grande parte do nosso conhecimento sobre o mundo é obtida de forma “indireta”, através das figuras e impressões oferecidas por mediadores. “O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento” (LIPPMANN, 2010, p. 29). Muitas vezes, quem realiza esse papel mediador, construindo imagens mentais sobre os acontecimentos, é a mídia. Na função de mediadores, os jornalistas utilizam dos critérios de noticiabilidade para selecionar informações e construir sentidos que contextualizam e conferem significado aos fatos noticiados, lançando mão dos supostos “consensos” existentes no meio social. Por esse motivo, falaremos agora sobre o conceito de acontecimento jornalístico, a forma como ele é

construído e suas implicações na maneira como a sociedade assimila os fatos sociais do cotidiano.

Os acontecimentos, enquanto notícias, são regularmente interpretados dentro de enquadramentos que derivam, em parte, desta noção de consenso enquanto característica básica da vida cotidiana. São elaborados através de uma variedade de explicações, imagens e discursos que articulam o que o público supõe pensar e saber sobre a sociedade (HALL, 1993, p. 227)

Segundo Adriano Duarte Rodrigues (1993), o acontecimento jornalístico pode ser definido como uma ruptura na “superfície lisa” da normalidade.

É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da menor ou maior previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Berger e Tavares (2010) explicam que existem ao menos dois tipos de acontecimentos: aqueles experienciados no cotidiano e os jornalísticos. O primeiro tipo explica os eventos que os campos da história, filosofia e ciências humanas analisam em busca de suas correlações com o tempo, lugar e seus significativos objetivos e intersubjetivos. São momentos que acontecem na vida real e têm suas repercussões e prosseguimentos naturais. Já o segundo tipo encontra-se originado, discutido e executado dentro do campo jornalístico; corresponde “à construção do acontecimento em forma de notícia ou das linguagens jornalísticas que constroem o acontecimento” (BERGER; TAVARES, 2010, p. 122).

Por meio do discurso jornalístico é realizada a função de enquadrar e buscar regular os acontecimentos imprevisíveis, noticiando-os de forma coesa e contextualizada (RODRIGUES, 1993). Para selecionar quais temáticas, fatos e/ou ocorridos da realidade se encaixam na definição de acontecimento, os jornalistas lançam mão dos valores-notícia, definidos por Traquina (2002, p. 186-187) como “os critérios que os jornalistas utilizam na seleção de um acontecimento” (os chamados valores-notícia de seleção) e as “qualidades da sua construção que funcionam como linhas-guia para a apresentação do material”.

(...) os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as “estórias” que são “noticiáveis” e quais não são, quais as “estórias” que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar (HALL *et al.*, 1993, p. 225).

Pode-se concluir então que a partir da confluência entre a identificação de acontecimentos reais dos mais variados tipos e a percepção deles pelos sujeitos envolvidos nestes ocorridos, o jornalismo chega à construção dos acontecimentos jornalísticos. Entrelaçados neste processo estão a ideia de realidade, os sentidos que envolvem o sujeito e a linguagem (BERGER; TAVARES, 2010). É importante lembrar também que o acontecimento fornece poder hermenêutico, traz novos significados e questiona “campos problemáticos” em temas do cotidiano da vida social. O acontecimento:

É, portanto, muito mais do que um fato que pode ser dotado de sentido ou de um valor por um sujeito, em função dos possíveis prévios de um contexto: é, ele próprio, portador ou criador de sentido. Transporta consigo ‘as condições de sua própria inteligência’. Transforma o campo dos possíveis daqueles que atinge. Abre um horizonte de sentido, em particular introduzindo novas possibilidades interpretativas, relativas tanto ao passado como ao presente e ao futuro. [...] o acontecimento não se produz somente no tempo: ‘dá o tempo a ver’ (QUERÉ²⁵ *apud* BERGER; TAVARES, 2010, p. 125)

Determinado o que é um acontecimento jornalístico, Berger e Tavares (2010) explicam que, levando em conta principalmente o fator temporal, é possível distinguir dois principais tipos de acontecimentos: os previstos e os imprevistos. Conforme citamos anteriormente, o que mais facilmente se encaixa nos critérios de noticiabilidade do jornalismo é o que foge do véu da normalidade, do esperado. “O acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de atualidade, de socialidade e de imprevisibilidade” (CHARAUDEAU²⁶ *apud* BERGER; TAVARES, 2010, p. 132). Os assassinatos em massa, como o Massacre de Suzano, caso de estudo deste trabalho, são classificados como imprevistos, mais especificamente como *macroacontecimentos*. São aqueles que evocam reações no ecossistema do ambiente, e por fugirem da normalidade, abalam a sociedade. Podem ser classificados também, de acordo com a definição de Isabel Babo Lança (2008) como *acontecimentos cênicos e dramaturgicos*, “com poder de dramatização cênica e da focalização da atenção pública”.

Rodrigues (1993, p. 29) afirma que “o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo”. A morte, por si só, é previsível e não se configura como motivo de notícia. Assim como todos nascem, em algum momento todos morrerão. Contudo, alguns dos fatores envolvidos em certas mortes podem levar à identificação de critérios de noticiabilidade nelas, transformando-as em acontecimento. No caso de assassinatos, e ainda mais aqueles em

²⁵ QUERÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Revista Trajectos, Lisboa, n. 6, 2005.

²⁶ CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

massa, o valor-notícia aqui é o excesso, a “irrupção escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos” (RODRIGUES, 1993, p. 28). Além do excesso, o acontecimento do Massacre de Suzano detém os registros da falha - de diversos sistemas de segurança e da própria sociedade - e da inversão - a morte de jovens onde supostamente estariam protegidos.

Acontecimentos de violência extremos como esse normalmente resultam em reações de inquietação, medo e angústia por parte da população e, mais do que isso, demandam explicações que justifiquem o ocorrido, coloquem-no em “caixas” apropriadas de sentido e permitam, eventualmente, que o estado normal do cotidiano volte a imperar. E é da responsabilidade do jornalismo realizar esse papel de construção através do discurso.

A existência do discurso jornalístico ocasiona um novo tipo de critério de noticiabilidade do acontecimento, chamado *meta-acontecimento*. De acordo com a definição de Rodrigues (1993), ao relatar um acontecimento, a mídia produz um novo acontecimento, que por sua vez contém seus próprios sentidos sobre o fato noticiado e os enunciadores.

Ao darem conta dos atos enunciativos, os media não só lhes conferem notoriedade pública, alargando assim indefinidamente o âmbito e o alcance das transformações que operam no mundo, como realizam igualmente novos atos ilocucionários e perlocucionários de acordo com as suas próprias regras enunciativas. (RODRIGUES, 1993, p.31)

Em 1999, durante a cobertura televisionada do Massacre de Columbine, ocorreram uma série de meta-acontecimentos. Um exemplo deles foi a ligação feita pela repórter Kyle Dyer, da emissora de TV KUSA, localizada em Denver, no Colorado. Na manhã do crime, em meio a um turbilhão de informações cruzadas por parte da polícia e uma falta de atualizações sobre o que estava acontecendo dentro da escola durante o massacre, alguns produtores decidiram ligar para a escola e tentar contato com as vítimas em tempo real. E conseguiram. Às 13h, a emissora KUSA coloca um estudante ao vivo no ar, diretamente de dentro da escola. “Estou em uma sala de aula com as portas trancadas”, afirma ele. Ao relatar que está escutando muitos gritos e ameaças do lado de fora, a âncora Kyle Dyer fala: “Você precisa desligar imediatamente e ligar para o 911”. Alguns minutos depois, o estudante retorna a ligação, dizendo que as linhas da polícia estão ocupadas. “Eles (os assassinos) estão dentro do refeitório. (...) Estou me escondendo embaixo da mesa, espero que eles não saibam onde estou”. Dyer toma controle da situação, prometendo conseguir ajuda. Ela reforça: “Não nos diga onde você está”, com receio de que os assassinos estivessem acompanhando a transmissão da TV e escutando o que eles diziam. Mais tarde, a polícia relatou que as informações obtidas pelos estudantes em contato

com repórteres e autoridades auxiliaram a organização da operação de entrada na escola, fornecendo a localização estimada dos assassinos, o número de vítimas e a quantidade de armas no local.

Rodrigues (1993, p. 31) explica que esse novo acontecimento criado pelo discurso jornalístico são atos ilocutórios, “subordinados aos valores inerentes à credibilidade e à sinceridade do locutor”. Esses atos integram-se ao universo da enunciação e não podem ser separados dele. Ou seja, os meta-acontecimentos também são responsáveis por eludir sentidos sobre *quem* os relata. É em momentos como esse que o alicerce da credibilidade jornalística é colocado em questão e pode ser reforçado ou exaurido.

Por fim, podemos concluir que, por meio da organização do acontecimento, o discurso jornalístico tem como finalidade assimilar os fatos ocorridos no mundo e construir sentidos para eles, buscando “organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade” (RODRIGUES, 1993, p.33). É desses sentidos - construídos pelo discurso jornalístico sobre os atiradores do Massacre de Suzano - que vamos falar no próximo capítulo.

4 ANÁLISE DOS SENTIDOS

Neste capítulo, buscaremos entender o discurso da cobertura do Massacre de Suzano feito pela Folha de São Paulo, mais especificamente os sentidos sobre a figura dos dois assassinos responsáveis pelo crime. Para identificá-los, utilizaremos a metodologia da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. Em seguida, iremos apresentar o corpus de textos selecionados no período de uma semana após o crime, a análise e por fim os sentidos encontrados.

4.1 METODOLOGIA

O jornalismo é uma forma de conhecimento: “ele tanto produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo, quanto reproduz os conhecimentos gerados por outros atores” (BENETTI, 2007, p. 110). Ao narrar e contextualizar os eventos do cotidiano, o jornalismo produz sentidos sobre os acontecimentos, e é em troca influenciado pela sociedade da qual também faz parte. “O acontecimento midiático é objeto de uma dupla construção: a de uma encenação quando da sua transmissão e que revela o olhar e a leitura que dele faz a instância midiática, e a do leitor-ouvinte-telespectador que a recebe e interpreta” (CHARAUDEAU, 2013, p. 243).

A análise do discurso entende que a linguagem é responsável pela descrição e concepção do mundo como o conhecemos. “Conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2000, p. 17). Conforme compreendemos anteriormente, o discurso não existe por si mesmo, é construído por uma interação entre sujeitos, e depende desta intersubjetividade para existir. Segundo Mariani (1999), os sentidos não estão atrelados ao texto, prontos para serem descobertos. Eles são o resultado do processo de interação entre os sujeitos envolvidos na produção deste discurso, o autor (enunciador) e o leitor (interlocutor). Por isso, a relação entre linguagem e o mundo exterior é característica do discurso. Segundo Benetti (2007, p. 109), “o dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o sujeito se inscreve”. Sendo assim, para analisar os sentidos de um discurso, é importante considerar os enquadramentos históricos, sociais e culturais daquele dizer.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender (ORLANDI, 2000, p. 30).

O primeiro passo para mapear os sentidos estruturados em um discurso é enxergar a existência de duas camadas no texto. A primeira, mais facilmente identificável, é a camada discursiva. A segunda, evidenciada apenas quando aplicamos a metodologia, é a camada ideológica. O pesquisador deve começar o processo a partir da análise do próprio texto, em busca das Formações Discursivas (FDs), que são definidas por Pêcheux (1995, p. 160) como aquilo que “pode e deve ser dito”, em oposição ao que não pode e não deve ser dito. Ou seja, considerando os contextos históricos e socioculturais, a configuração ideológica e os sujeitos envolvidos no acontecimento, a formação discursiva evidencia aquelas coisas que poderiam ser ditas, assim como as que não poderiam. De acordo com Benetti (2007, p. 112), elas são como uma “região de sentidos, circunscritas por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido - este segundo sentido, por sua vez, constituiria uma segunda FD”. É notório que essa região de sentidos é atravessada por sentidos de configuração ideológica, que derivam de certas concepções e valores. Pode-se dizer então que os sentidos de formação discursiva estão ligados aos de formação ideológica.

Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia (formação ideológica), e o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva. A delimitação de uma formação discursiva se dá na relação com outras formações discursivas, em um movimento de tensionamento, complementação ou distinção (BENETTI, 2016, p. 240).

Em seguida, podemos apontar duas estratégias de identificação dos sentidos construídos no discurso: a paráfrase e a polissemia. Paráfrase é a atividade recorrente de um sentido, normalmente realizado pelo artifício da repetição. Ao identificar que um sentido está aparecendo diversas vezes ao longo do texto, por vezes sendo construído por diferentes sujeitos (por exemplo, jornalistas, fontes, leitores, *ombudsman* etc.), o pesquisador deve identificar esses trechos e agrupá-los de forma a evidenciar a força destes significados para o discurso. Já a polissemia trata da diversidade de sentidos. Segundo Orlandi (2000, p. 38):

A paráfrase é a matriz do sentido porque não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. Enquanto a polissemia é a fonte da linguagem, pois, se os sentidos não fossem múltiplos, ou seja, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer.

Por fim, após a identificação das Formações Discursivas que constroem os principais sentidos no discurso, o analista deve localizar, em seu corpus, as Sequências Discursivas (SDs) que expressam ou contêm os sentidos filiados a essas formações. As SDs são trechos arbitrariamente recortados do texto em análise, e esse recorte depende da questão de pesquisa que norteia o trabalho do analista de discurso.

4.2 CORPUS

Para realizar a análise do acontecimento Massacre de Suzano trabalhamos com um corpus inicial de 38 textos, todos retirados do site do jornal *Folha de São Paulo*. Após optarmos seguir com a análise dos sentidos criados sobre os assassinos responsáveis pelo crime, realizamos uma seleção desses textos, deixando apenas os que continham sentidos sobre os atiradores e retirando aqueles que não continham informações sobre a dupla. Assim, selecionamos 27 destes 38 textos (Tabela 1), todos publicados entre os dias 13 e 18 de março de 2019.

Tabela 1 – Corpus da análise

TEXTO	DATA	TÍTULO
T1	13/03/2019	Ex-alunos matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano
T2	13/03/2019	Atiradores de Suzano agiram no intervalo de aulas para ter mais vítimas, diz polícia
T3	13/03/2019	Máscara de atirador de Suzano é símbolo de supremacistas e assassinos da ficção
T4	13/03/2019	Besta e machado encontrados com autores de massacre em escola ocupam vácuo legal
T5	13/03/2019	Vídeo mostra criminosos atirando e dando machadadas em escola de Suzano
T6	13/03/2019	“Essas coisas não aconteciam no Brasil”, diz Mourão sobre ataque a tiros em SP
T7	13/03/2019	“O aluno me falou que ia merendar; logo depois, estava morto”, diz professor

T8	13/03/2019	Atirador matou comparsa e depois se suicidou, diz comandante-geral da PM
T9	13/03/2019	Famílias enterram corpos de vítimas de massacre em cemitério de Suzano, em SP
T10	14/03/2019	Famílias enterram corpos de assassinos em cerimônias fechadas
T11	14/03/2019	Só reforçar segurança não evita ataques a escolas, dizem especialistas
T12	14/03/2019	Carta branca aos demônios
T13	14/03/2019	Retórica de campanha acorrenta Bolsonaro diante de tragédia
T14	14/03/2019	Doria anuncia indenização de R\$ 100 mil a famílias de mortos em escola em Suzano
T15	14/03/2019	Obsessão por game, abandono dos pais e <i>bullying</i> marcaram vida de atirador
T16	14/03/2019	Massacre em Suzano
T17	14/03/2019	Assassinos planejaram ataque em escola de Suzano por um ano e meio
T18	14/03/2019	Autores de massacre compraram armas brancas no site Mercado Livre
T19	14/03/2019	Promotores investigam ligação de massacre em Suzano com radicais
T20	14/03/2019	Massacre de Suzano reacende debate sobre má influência de games violentos
T21	14/03/2019	A difícil tarefa de entrevistar a mãe de um assassino adolescente
T22	15/03/2019	“Vieram à mente cenas de ataques nos EUA”, diz PM da 1ª equipe a entrar em escola
T23	15/03/2019	O que os massacres em Suzano e na Nova Zelândia têm em comum?
T24	16/03/2019	Fóruns na <i>dark web</i> incitam violência e mortes e desafiam polícia
T25	17/03/2019	Em defesa da normatização
T26	17/03/2019	Escola Raul Brasil reabrirá parcialmente nesta segunda (18) após massacre
T27	18/03/2019	Em metade dos ataques contra escolas no país, armas vieram das casas dos atiradores

Fonte: elaborado pela autora.

A escolha pela Folha de São Paulo se deu por alguns motivos. O veículo, fundado em 19 de fevereiro de 1921, é o jornal brasileiro de maior circulação no Brasil, com 340.511 exemplares diários (incluindo assinantes digitais), segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em junho de 2020. A Folha de S. Paulo, ou Folha, como é conhecida, obteve esse título pela primeira vez em 1986, e desde então mantém essa liderança. Como linha editorial, o jornal estabelece como premissa a busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista - o que não significa, evidentemente, que o jornalismo praticado pelo jornal cumpra plenamente esses preceitos. Além disso, a Folha foi o primeiro jornal do país a ter um ombudsman, em 1989. No caso específico deste trabalho, a coluna da então *ombudsman*, Paula Cesarino Costa, é relevante porque questiona a atuação do próprio jornal ao refletir sobre a cobertura responsável de massacres.

A Folha preocupou-se em fazer uma cobertura bastante ampla do acontecimento em Suzano, traçando uma cronologia completa do atentado, além de investir em trabalho de reportagem e entrevistas com todos os envolvidos no acontecimento. Buscou reconstruir o massacre contado pelo ponto de vista das vítimas, dos funcionários da escola, da polícia, dos vizinhos e comerciantes locais e, principalmente, das famílias envolvidas, tanto das vítimas quanto dos assassinos. Na reportagem intitulada “Obsessão por game, abandono dos pais e bullying marcaram vida de atirador”, de Fernanda Mena, foi construído um perfil da vida de Guilherme Tauci, o mais novo dos criminosos. Contendo fotos do quarto de Guilherme e entrevistas com a mãe e os avós dele, o perfil tem o objetivo de nos trazer possíveis razões que expliquem a motivação de um crime tão cruel e nos permite enxergar por trás de uma perigosa cortina que normalmente não é levantada em coberturas de assassinato: aquela que traz a visão dos criminosos, ou o mais próximo possível disso.

Além disso, a Folha também levantou alguns debates a partir do acontecimento, como a influência de jogos violentos em jovens e a legalização do porte de armas. Os temas naturalmente incitaram polêmicas na seção dos comentários, algumas de cunho político-partidário, que dividiram os leitores entre aqueles com posicionamento mais alinhado com o presidente Bolsonaro, pró-armas, citando por exemplo que se alguns professores ou funcionários estivessem armados o crime poderia ter sido interrompido antes; e aqueles que discordam dessa ideia, defendendo políticas educacionais mais humanas, que identifiquem problemas de depressão e bullying nos jovens dentro da escola. Outro tópico que gerou intenso debate nos comentários foi a decisão da Folha de divulgar fotos e vídeos com conteúdo sensível do massacre. O jornal colocou no ar fotos dos dois assassinos mortos e um vídeo editado com

cenas dos dois criminosos atirando dentro da escola. De acordo com o levantamento feito pela *ombudsman* em sua coluna “Em defesa da normatização”, a maioria dos leitores se posicionou veementemente contra a divulgação destas imagens. Para os leitores, tais imagens não continham informações relevantes e eram apelativas, serviam apenas para atrair cliques aproveitando o sofrimento de outros. A *ombudsman* concorda que a Folha errou ao divulgar essas imagens e traz algumas reflexões sobre o posicionamento da mídia em outros acontecimentos violentos – como a orientação de não noticiar suicídios -, referenciando também iniciativas estadunidenses utilizadas para a cobertura de massacres, como as campanhas “*No notoriety*” e “*Don’t name them*”, já citadas anteriormente neste trabalho.

Figura 1 - Site da Folha de São Paulo

1/13 Tiros em Suzano



Fonte: Folha de São Paulo, 13 mar. 2019

4.3 SENTIDOS SOBRE OS ASSASSINOS

Por meio da análise dos 27 textos selecionados, identificamos cinco principais sentidos que ajudam a construir a imagem dos assassinos responsáveis pelo crime. As cinco formações discursivas são: “Violentos”, “Frios e calculistas”, “Vítimas”, “Influenciados” e “Famosos”. Ao todo, encontramos 88 sequências discursivas que carregam esses sentidos. É importante

notar também que algumas FDs contêm sentidos repetidos, que pertencem a mais de uma formação. É por isso que a soma de SDs encontradas em cada um das formações é maior do que o número total de SDs. A seguir iremos apresentá-los, trazendo como ilustração algumas das sequências que mais fortemente os representam. As SDs foram numeradas e organizadas pela numeração do texto (Tabela 1) de onde foram retiradas (por exemplo: T1, SD4). Assinalamos em negrito as partes mais importantes, e após a inserção do trecho é indicado entre parênteses o número do texto e da SD.

4.3.1 Violentos

Por ser um homicídio em massa, ocorrido em uma escola, o sentido da violência é o mais predominante nessa análise. Foi uma ação que deixou dez mortos - sete pessoas na escola, o tio de um dos atiradores e os próprios autores do homicídio - e onze feridos. Essa formação discursiva destaca a extensão da crueldade e da fúria dos atiradores.

A FD “violentos” foi identificada no corpus o maior número de vezes, sendo encontrada em 34 sequências discursivas – é a formação com o maior número de SDs de toda a análise. A maioria das sequências que formam esse sentido buscam retratar o excesso e são construídas por adjetivos que reforçam a percepção do crime por suas características de anormalidade: o horror, o medo, o sangue, os corpos. A Folha utiliza em seu discurso diversas vezes, entre elas autoridades, como a polícia e os governantes, para compor um sentido mais abrangente da proporção do impacto causado por um crime tão trágico.

Alunos, professores e funcionários que estavam na Escola Estadual Raul Brasil viveram **momentos de medo** durante o **ataque a tiros que deixou oito mortos**. (T1, SD5)

A cena de terror termina quando finalmente os atiradores **se matam no corredor do colégio**. (T2, SD7)

Para a melhor compreensão dos sentidos que estruturam essa formação, fizemos uma separação entre as SDs que reproduzem uma forma de violência mais explícita, mais fácil de identificar, e uma outra mais simbólica, que não é necessariamente física. Na primeira, destacamos inicialmente a questão das armas do crime. Um dos fatores do massacre que imediatamente chamou atenção da mídia e das autoridades foi o arsenal de armas. Porém, se na FD que traremos a seguir (os atiradores como pessoas frias e calculistas) a quantidade e

variedade de armas utilizadas denota sentido de planejamento, aqui esses trechos denotam um aumento na violência do massacre, considerando que a cada nova arma o poder de destruição do ataque aumenta.

Segundo a polícia, os atiradores levavam uma **besta, machado, quatro "jet loaders"** (peças de plástico usadas para carregar arma de fogo mais rapidamente), **uma arma de calibre 38, uma caixa que aparenta ser explosivo e garrafas montadas como coquetéis molotovs**. Ao menos a arma de fogo e o machado foram utilizados —ainda não se sabe se a besta chegou a ser usada. (T4, SD9)

No material apreendido, também **há alvos onde os autores do crime praticaram tiro ao alvo** e uma fantasia de um personagem de quadrinhos que representa a morte. A lista traz uma embalagem com etiqueta do Mercado Livre referente à compra de **um arco e flecha (os criminosos usaram uma besta, espécie de arco, durante o crime)**. (T18, SD22)

Entre as armas brancas encontradas, **além do arco, está uma machadinha e um machado**, um deles usado para atacar alunos da escola, além de **jet loaders (objeto para recarregar o revólver calibre 38)**. **Um alvo para treino de tiro foi encontrado com perfurações**. (T18, SD23)

As SDs encontradas nessa formação tornam-se repetitivas devido à quantidade de vezes que a Folha menciona o arsenal de armas na cobertura, e nas horas iniciais seguintes ao crime foi possível notar que a cada nova matéria eram adicionados mais detalhes sobre esse quesito conforme a polícia divulgava informações da investigação. Essa repetição reforça um sentido de anormalidade ao introduzir características ainda mais aterrorizadoras a um cenário já bastante perturbado.

Em seguida, apontamos o sentido da violência, ainda em sua primeira forma, na narração do massacre, com seu início no estabelecimento comercial do tio de um deles, seguindo para a escola.

“A família está totalmente destruída e à base de calmantes”, diz o amigo Rodrigo Cardí, 34, que era o gerente de vendas de veículos na revenda, lava-rápido e estacionamento da vítima. Foi ele quem lavou **o escritório todo sujo de sangue, onde Jorginho foi alvejado com dois tiros pelo sobrinho —o terceiro tiro esfaqueou o celular que o empresário segurava**. (T9, SD17)

Vestido de preto, usando um lenço com estampa de caveira e com uma mochila, ele **sacou um revólver e começou a disparar em direção a um grupo de alunos**. (T1, SD2)

Guilherme, que é ex-aluno da escola, entra no colégio às 10h42, durante o horário de intervalo das aulas, quando alunos, professores e funcionários estão circulando pela escola. Ele chega com um caderno na mão, mochila nas costas e um boné. Assim que passa pela porta de um saguão de entrada da escola, joga o caderno no chão, fica de costas para um grupo de alunos e professores, **tira a arma da cintura e efetua os disparos aparentemente a esmo. Logo ao primeiro tiro, o vidro da secretaria se**

estilhaça e todos começam a correr. O jovem continua a efetuar os disparos. A coordenadora pedagógica Marilena Umezu, 59, **é atingida pelas costas.** (T5, SD10)

Segundos depois, chega Luiz Henrique, também com um boné e uma mochila. Ele carregava ainda **uma besta, espécie de arma medieval que lança flechas. Luiz Henrique saca uma machadinha e começa a desferir golpes nos corpos que já estão no chão do saguão.** (T5, SD12)

Logo em seguida, uma garota foge do interior do colégio, já fugindo de Guilherme. Ela se depara com Luiz Henrique que **a agarra e lhe desfere socos.** Nesse instante, um grupo maior de alunos fogem do interior da escola, passando pelos corpos e por Luiz Henrique que **pega outra machadinha e desfere golpes em quem fugia.** (T5, SD13)

Nesta formação estão presentes também as SDs que constroem sentidos a partir de outros sujeitos entrevistados pela Folha, como a equipe de policiais que chega primeiro à escola, ainda durante a realização do massacre, são vistos pelos atiradores e desencadeiam o final do ataque.

Quando [os policiais] desembarcaram, ouviram disparos. **Se depararam com pessoas mortas pelo caminho, funcionárias, alunos,** e ao chegar ao fundo da escola, eles tiveram contato visual com os dois atiradores, ainda vivos. (...) Ainda segundo o comandante, os dois estavam em frente a uma sala de aula em que funciona o centro de línguas, onde estavam cerca de 25 alunos. **“Ao que tudo indica, eles estariam também nessa sala e dispararam contra essas crianças.** Quando eles viram a Força Tática, eles entraram para dentro de um corredor **e um atirou na cabeça do outro e, depois, esse se suicidou logo após”**, afirmou ele. (T8, SD15)

A equipe do sargento Anderson Luiz Camargo, 44, chegou à escola Raul Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, quando os adolescentes, alunos do colégio, ainda **escapavam desesperados pelo portão principal em meio a gritos e choros.** Ao ver, entre os jovens, uma **adolescente ensanguentada,** o PM teve uma intuição. “Vieram à minha mente aquelas cenas de ataques dos EUA. **Pensei: esses assassinos entraram aí e estão matando todo mundo”**, contou o sargento à Folha. (T22, SD26)

O PM teve a certeza de que se tratava de uma **tragédia** quando, logo após cruzar a porta da escola, **se deparou com os corpos pelo chão. “Olha, nem sei precisar quantos”, disse.** (T22, SD27)

“Eu nunca achei que fosse ver tanto adolescente morto. A gente que é pai, então, é muito difícil. Isso toca o coração da gente”, disse o sargento, pai de uma moça de 18 anos e de um menino de 10 anos. (T22, SD28)

“Foi aí que a gente ouviu os dois disparos. **Não sabíamos se estavam matando mais gente”**, disse Camargo. “Aí, a gente progrediu e achou lá na frente, no corredor, **os dois caídos no chão.**” (T22, SD29)

Acima estão algumas das SDs mais brutais encontradas no corpus da cobertura, que reforçam o sentido de crueldade e hediondez dos crimes cometidos. Ao empregar termos como

“todo sujo de sangue”, “alvejado”, “estraçalhou”, “pessoas mortas”, “desesperados” e “corpos pelo chão”, entre outros, o discurso cria uma imagem mental muito vívida dos acontecimentos ocorridos em 13 de março na escola Raul Brasil, e neste momento, não há outra reação possível além do choque, da indignação, e do horror. O assassinato do familiar de um deles, a descrição da perseguição das vítimas já atingidas e o uso de itens como a machadinha conferem significado adicional de uma violência mais cruel, pois requerem frieza extrema, mostram a necessidade de se aproximar das vítimas para desferir os golpes, e demonstram que não houve arrependimento ou hesitação de nenhum deles naquele momento. Por fim, a forma violenta como o ataque acabou, com um último assassinato e um suicídio, conferem um ponto final sangrento nesse massacre. Mais do que qualquer outra, os sentidos criados sob a FD “Violentos” moldam os dois responsáveis como assassinos impiedosos e sanguinários, capazes de grandes atrocidades. Após a compreensão da violência explícita, é importante citar também outro tipo de violência que identificamos no discurso da Folha, a simbólica, que pode ser melhor evidenciada pelas SDs abaixo.

Ao sair pela manhã para o atentado, Guilherme deixou no chão, ao lado do beliche onde dormia, uma **foto queimada, que a mãe reconheceu como sendo sua com o pai do adolescente.** (T15, SD20)

Eram conhecidos por serem fechados, seletivos e xingarem muito e em voz alta durante as partidas. Um dia, a atendente percebeu um **pingente com a suástica nazista no pescoço de um deles.** “Levei um susto”, diz. Os clientes passaram a ser vistos com cautela. (T15, SD25)

Apesar de serem bastante diferentes, ambas sequências carregam a descrição de uma violência mais sutil, que tem algo implícito - mas não menos terrível, e que nos traz pistas sobre a personalidade e o temperamento dos assassinos. Ao nos dizer que um dos atiradores deixou uma foto queimada de seus pais para a mãe encontrar, o discurso fala de uma violência simbólica, de uma raiva e ódio latentes por parte do adolescente. Ele não matou a mãe, mas foi cruel o suficiente para deixar uma foto queimada dela ao lado de sua cama antes de sair para cometer o massacre que também acabaria com sua própria vida.

A SD seguinte, que dessa vez trata dos dois, apresenta um relato de uma funcionária da *lan-house* onde eles usavam a internet para jogar videogames. A descrição feita por ela indica que eles eram fechados e tinham tendências violentas durante os jogos. Essa afirmação isolada poderia não significar tanto, mas o adicional sobre a suástica nazista confere à sequência um significado completamente diferente, e indica tendências violentas mais complexas, de cunho

ideológico, que antecedem o ataque. Iremos explorar esse aspecto de forma mais aprofundada na FD “Influenciados”.

Após os relatos do desenrolar do atentado, a Folha também buscou ressaltar o impacto que o acontecimento teve na sociedade, destacando seu aspecto brutal e cruel. Isso foi evidenciado especialmente no editorial e nas colunas de opinião publicados posteriormente.

O país ficou abalado com a **crueidade dos assassinos**, que tiraram as vidas de cinco jovens e três adultos de **maneira brutal**. (T13, SD18)

Chama a atenção que tenham empregado **dispositivo recarregador para aumentar a quantidade de tiros de revólver e uma arma medieval —a besta disparadora de setas— que hoje se vê apenas em filmes fantasiosos e videogames**. Os homicidas da Raul Brasil agiram para **matar o maior número possível, não importando quem**. **Não se sabe com clareza se alguém —pais, parentes, colegas, professores— se dava conta do caminho escuro pelo qual enveredavam**. (T16, SD21)

Por fim, observamos que, em 11 dos 27 textos do corpus, é possível encontrar fotos e vídeos com conteúdo explícito do massacre, incluindo fotos dos atiradores mortos e ensanguentados no corredor da escola. As fotos são da investigação da Polícia Militar e os vídeos foram retirados das câmeras de segurança da escola. Em sua coluna *Em defesa da normatização* (T25) a então *ombudsman* Paula Cesarino Costa questiona esse posicionamento da Folha e afirma que o jornal recebeu críticas por parte dos leitores por ter divulgado esses conteúdos violentos. De fato, nas matérias que contêm essas imagens, especialmente na notícia focada em divulgar o vídeo do momento em que os atiradores entram na escola, se encontram vários comentários reprovando a publicação dos conteúdos por não serem relevantes, terem sentido apelativo e sensacionalista.

Em resposta às críticas, a Folha afirmou que as fotos foram divulgadas apenas nas plataformas digitais, continham um aviso de imagens fortes e teriam sido inseridas para informar o sentido de brutalidade no massacre. O jornal reforça também que não houve exposição das vítimas, que devem ser protegidas pela imprensa.

4.3.2 Frios e calculistas

O segundo sentido identificado no discurso da Folha de São Paulo sobre os responsáveis pelo massacre em Suzano foi o de “frios e calculistas”. Essa formação discursiva, identificada em 18 sequências discursivas, busca trazer a noção de que o crime não foi passional, realizado

por indivíduos fora de si em um impulso de raiva, mas planejado em seus mínimos detalhes para atingir os objetivos desejados pelos atiradores.

Encontrado logo no primeiro texto da cobertura do atentado, esse sentido é composto inicialmente pela forma como o crime se desencadeia, com a primeira vítima sendo feita fora da escola, local principal do massacre. Jorge Antonio de Moraes, tio do atirador mais novo, foi assassinado supostamente por ter descoberto informações sobre o crime que a dupla planejava cometer. Outro detalhe mencionado pela Folha foi o uso de um carro alugado, um Onix branco que foi captado pelas câmeras de vigilância posteriormente.

Antes de irem à escola, Luiz Henrique de Castro e Guilherme Tauci Monteiro foram a um lava-jato, às 9h30, e atiraram no proprietário, que era tio de Guilherme e teria descoberto o plano da dupla. Eles, então, entraram em um carro alugado, um Onix branco que aparece em imagens de câmeras de vigilância. (T1, SD37)

Uma das linhas de investigação da Polícia Civil é a de que o tio de Guilherme tenha descoberto o plano da dupla e, por isso, os criminosos teriam feito uma “queima de arquivo”. (T1, SD41)

É possível perceber aqui o sentido de que o crime já vinha sendo planejado há algum tempo, o suficiente para uma pessoa de fora perceber sinais e desconfiar. O relato do assassinato desse tio, além de demonstrar a frieza de Guilherme ao matar um familiar, denota um aspecto calculista: a dupla não queria arriscar ter seu plano estragado por uma denúncia e preocupou-se em amarrar todas as pontas soltas que ameaçassem seus objetivos. Depois de realizarem sua primeira morte, os dois seguem no carro alugado para a Escola Estadual Raul Brasil, ambiente central do massacre. Por si só, essa movimentação já demonstra que o crime não foi puramente passional, impulsivo, uma vez que os dois seguem focadas no objetivo principal e continuam seu plano. Outro ponto destacado foi o horário de início, em torno de 9h30, que denota mais um aspecto de planejamento, pois fez com que eles chegassem à escola aproximadamente às 9h40, horário do intervalo dos alunos do ensino médio. Assim, o número de vítimas seria maior.

Na sequência, os dois foram até o colégio, na mesma rua, **onde chegaram por volta das 9h40**. Um vídeo de câmera de segurança mostra que o primeiro a entrar foi Guilherme.[...] Na sequência, **ele se dirigiu ao pátio, onde havia mais adolescentes, pois era hora do intervalo**. (T1, SD19)

Os atiradores responsáveis pelo massacre na Escola Estadual Raul Brasil, Luiz Henrique de Castro, 25, e Guilherme Tauci Monteiro, 17, **escolheram o horário do intervalo das aulas para fazer o maior número possível de vítimas**, segundo as primeiras investigações do crime que chocou Suzano, cidade da Grande São Paulo. (T2, SD43)

Um dos aspectos que mais chamou atenção da polícia e da mídia foi a grande quantidade de armas utilizadas no ataque, sem contar sua variedade. E na cobertura da Folha isso não foi diferente. O fato de que, além dos tradicionais revólveres, os atiradores portavam uma arma medieval e uma machadinha, foi destacado em todos os textos principais da cobertura, ocasionalmente mencionado mais de uma vez na mesma notícia. Posteriormente, a investigação da polícia descobriu que o ataque vinha sido planejado há cerca de um ano, e que as armas brancas utilizadas foram adquiridas com antecedência por meio do site de vendas Mercado Livre. Ou seja, as armas do ataque foram escolhidas a dedo, selecionadas em um site e sua chegada foi aguardada para dar prosseguimento ao plano. Esses fatores adicionam novas camadas à percepção que é construída sobre os assassinos e ajudam a solidificar uma das características mais evidentes do ataque: o planejamento e a frieza.

Um homem e um adolescente **planejaram e executaram o assassinato de ex-colegas e funcionários da Raul Brasil** (...) usando um **revólver, carregadores, uma arma medieval e uma machadinha**. (T1, SD1)

Segundo a reportagem apurou, os ex-alunos **planejavam o ataque há cerca de um ano e meio**. (T1, SD40)

A dupla que matou oito pessoas em Suzano (Grande SP) **planejava o ataque há cerca de um ano e meio**. A informação foi confirmada em sigilo por uma fonte policial que acompanha o caso. Segundo o policial, Luiz Henrique de Castro, 25, e Guilherme Taucci Monteiro, 17, **conversaram sobre o ataque por meio de mensagens de texto**. O teor das conversas não foi informado. (T17, SD47)

Os autores do massacre na escola de Suzano, na Grande São Paulo, **compraram armas brancas e outros objetos usados no crime na plataforma Mercado Livre**, que agrega diversos vendedores. (T18, SD49)

Dando continuidade ao relato do atentado, a Folha busca traçar uma rota do caminho feito pelos atiradores. A entrada na escola, para começar: o mais novo entra primeiro, saca uma arma da mochila e começa a atirar nos alunos que transitam pela entrada da escola. Em seguida, avança para o pátio. Os alunos que tentam fugir pela entrada da escola são surpreendidos pelo segundo atirador, que os ataca com a machadinha. Por fim, a Folha utiliza a fonte policial para narrar o caminho percorrido pelos atiradores, com falas do comandante-geral da Polícia Militar, Marcelo Vieira Salles.

Rapidamente, fugindo de Guilherme, um grupo de estudantes correu em direção da entrada da escola, onde encontraram Luiz Henrique. As imagens mostram o ex-aluno tentando atingir o grupo. A machadinha só deixou de ser usada quando ele desferiu um golpe em um aluno que ficou com a arma presa no ombro, mas conseguiu fugir. (T1, SD42)

[...] Ainda segundo o comandante, os dois estavam em frente a uma sala de aula em que funciona o centro de línguas, onde estavam cerca de 25 alunos. **“Ao que tudo indica, eles entrariam também nessa sala e disparariam contra essas crianças”.** (T1, SD39)

Segundo o comandante-geral da PM, Marcelo Vieira Salles, ao que tudo indica, **“quando eles [atiradores] viram a Força Tática, entraram para dentro de um corredor e um atirou na cabeça do outro. Depois, esse se suicidou.”** (T5, SD14)

A compreensão construída aqui é a de que a polícia chegou a tempo de interromper o restante do plano, que poderia ter tido um final ainda mais trágico, mas que desde o início tinha um aspecto muito definido para os atiradores: eles nunca tiveram o objetivo de serem pegos pela polícia. E mais, dentre os muitos detalhes que constituíram o planejamento do crime, um deles foram suas próprias mortes, que foram decididas e executadas por eles.

Por meio desta FD, podemos perceber que o Massacre de Suzano de fato não foi um crime passional, mas um ataque planejado e desenvolvido por um longo período de tempo e com muitos detalhes, incluindo até mesmo as mortes dos autores.

4.3.3 Vítimas da sociedade

Por se tratar de um crime de natureza hedionda, que foge do padrão comum de assassinatos no Brasil, é esperado que o jornalismo exerça sua função de contextualizar a realidade e investigue os possíveis motivos que levam à realização de tamanha atrocidade. A sociedade, abalada por um acontecimento tão imprevisível e inexplicável, demanda que o jornalismo desvende essa anormalidade e a coloque em caixas de significado compreensíveis para que possa retomar seu funcionamento normal. Sendo assim, após exhibir os sentidos que constroem os responsáveis pelo crime como assassinos violentos, frios e calculistas, a Folha decide buscar possibilidades para entender o que os transformou nestas figuras.

Nesta FD, presente em 13 seqüências discursivas na análise, o sentido é em grande parte construído com auxílio dos sujeitos entrevistados pela Folha de São Paulo, entre eles a família dos assassinos, os vizinhos e moradores da cidade de Suzano. É importante discriminar também que os sentidos retirados da reportagem feita com os familiares, intitulada “Obsessão por game, abandono dos pais e bullying marcaram vida de atirador”, de Fernanda Mena (Texto 15 no corpus) refere-se apenas a um dos atiradores, o mais novo deles. A família do atirador mais velho não concedeu entrevista à Folha.

No processo de análise, foram encontradas duas vertentes de sentidos. A primeira traz uma percepção dos criminosos como adolescentes “comuns”, jovens como todos os outros, sem motivos aparentes para cometerem tamanhos crimes.

Após o enterro, já do lado de fora do cemitério, o tio de Luiz Henrique, Américo José Castro, 58, falou rapidamente aos jornalistas. “Quero pedir perdão às famílias. Nós somos tão vítimas quanto”, disse, emocionado. O tio afirmou que não conhecia Guilherme. **“O nosso era um menino normal e trabalhador”**. (T10, SD51)

“Eram meninos normais. Falavam bom dia, boa tarde, boa noite. Não usavam drogas”, conta o motorista Cássio Nogueira, 39, vizinho que os viu crescer. “Nunca percebi nenhum traço que indicasse que esse tipo de comportamento poderia ocorrer. Estamos todos ainda em choque.” (T15, SD54)

Esse primeiro sentido, enquanto válido em sua constituição, é pouco destacado pela Folha e acaba não sendo tão significativo para a compreensão das motivações por conter percepções mais superficiais ou impressionistas, que não exibem maiores explicações e podem ser reflexos de relações não tão próximas, como o tio e o vizinho. A segunda vertente de sentidos encontrada no discurso exhibe uma visão diferente, motivo pelo qual denominamos essa FD como “Vítimas da sociedade”. Os sentidos produzidos aqui indicam que ao menos um dos assassinos tinha uma família desajustada, possivelmente sofria de depressão e foi vítima de bullying, chegando a largar a escola para não ser mais “zoado” pelos colegas.

Desempregada há dois anos e mãe de outras quatro crianças, duas das quais moram na mesma casa onde Guilherme vivia, Tatiana batalha contra uma **dependência química de longa data, que a leva a passar boa parte do tempo nas ruas. Fruto de um relacionamento breve entre Tatiana e Rogério Machado Monteiro, Guilherme foi criado pelos avós**, Benedito Luiz Cardoso e Arlete Tauci, numa casa de tijolo aparente, entulhada de móveis e objetos, no bairro Jardim Imperador. **“O pai e a mãe não estavam muito aí pra ele, sabe?”**, diz o avô, antes de ser repreendido pela filha. **“Agora a culpa é minha? Culpa é sua, que criou ele”**. (T15, SD60)

Com a morte da avó, quatro meses atrás, **Guilherme passou a dar sinais de tristeza permanente. “Acho que ele ficou deprimido”**, arrisca a tia. (T15, SD61)

Do chão, a mãe recolhe uma sacola em que encontra mais de cinco caixas vazias de Bis de chocolate branco. **“Ele tinha problemas de acne. Também, comendo chocolate desse jeito”**, diz ela, como se falasse consigo mesma. Segundo Tatiana, **Guilherme abandonou a escola no ano passado**, a um ano de concluir o ensino médio, porque dizia **não aguentar mais ser “zoado por causa das espinhas do rosto”**. (T15, SD62)

É interessante notar que, para o desenvolvimento desta reportagem que traça um perfil do atirador mais novo, a Folha não entrevistou professores, funcionários ou ex-colegas de

colégio, alguns deles vítimas do atentado. Os sentidos de vitimização, bullying e exclusão social partem apenas da família de Guilherme.

Nesta formação, os trechos encontrados caminham inicialmente por uma perspectiva de humanização, com entrevistas que mostram que a dupla era percebida como jovens “tranquilos, trabalhadores”, mas depois nota-se uma nova vertente de significados, onde o entendimento sobre os assassinos ganha um novo ponto de vista, principalmente a partir da reportagem de Fernanda Mena. Os sentidos que emanam desse texto são que o atirador mais novo teve uma vida familiar muito conturbada, sem mãe nem pai presentes, criado pelos avós em uma casa “de tijolo aparente, entulhada de móveis e objetos”, que tinha problemas de autoestima por acne e sofria bullying na escola por esse motivo. Destaca-se o fato de que, ao longo do texto, o atirador mais novo é referido sempre como “Guilherme” pela jornalista, e nunca como “assassino”, “atirador” ou “criminoso”, diferente de outros textos da cobertura da Folha.

4.3.4 Influenciados

Para esta FD, identificamos por meio da análise da cobertura da Folha a construção de uma nova possibilidade para explicar o que motivou dois jovens “comuns” a se transformarem nas figuras dos assassinos cruéis e violentos que realizaram o massacre: a influência de fatores externos. Duas linhas de possibilidades ganharam maior destaque no discurso da Folha, sendo a primeira a influência da atuação de outros crimes e grupos de ódio, como por exemplo massacres e atos violentos anteriores, ocorridos especialmente nos Estados Unidos, grupos de crime organizado ou grupos de ódio que atuam em fóruns da internet, como os *4chans*, e grupos de supremacistas brancos, entre outros. A segunda influência seria exercida de forma mais sutil, por meio de jogos e conteúdos de entretenimento violentos, como séries, filmes e álbuns de música. Percebemos que existe uma distinção entre essas vertentes, mas a forma como elas foram construídas não permite uma separação completa de sentidos, então exibiremos a seguir algumas das sequências que compõem toda essa formação. Esta formação discursiva foi encontrada em 28 SDs, sendo a segunda maior na análise.

As suspeitas de influência externa tiveram início assim que as primeiras imagens dos assassinos foram divulgadas, em que o atirador mais novo aparece usando roupas pretas e uma balaclava com estampa de caveira cobrindo o rosto. Quase que imediatamente, o discurso fez associações entre os trajes e os símbolos utilizados por assassinos de outros tiroteios em massa nos Estados Unidos, videogames e séries estadunidenses, e essa ligação foi se fortalecendo ao

longo da cobertura, especialmente devido à balaclava de caveira, muito comum na caracterização de personagens violentos em séries e jogos. Na SD 26, a Folha utiliza a percepção de uma fonte policial para exemplificar essa conexão quase que automática de sentidos percebidos entre o *modus operandi* do ataque de Suzano e eventos similares de tiroteios em massa, característicos dos Estados Unidos.

Vestido de preto, usando um lenço com estampa de caveira e com uma mochila, ele sacou um revólver e começou a disparar em direção a um grupo de alunos. (T1, SD2)

A balaclava de caveira usada por um dos dois atiradores do atentado na escola Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), é símbolo de supremacistas americanos, assassinos de videogame e um atirador fictício de uma série americana. (T3, SD64)

Os assassinos —eles próprios, ex-alunos dali— foram encontrados mortos pela polícia. **Um deles usava roupas pretas, como os atiradores da escola Columbine (EUA), que fizeram 13 mortos em 1999, e máscara com figura de caveira, como o assassino de 26 pessoas numa igreja do Texas, em 2017.** (T16, SD68)

A equipe do sargento Anderson Luiz Camargo, 44, chegou à escola Raul Brasil, em Suzano, na Grande São Paulo, quando os adolescentes, alunos do colégio, ainda escapavam desesperados pelo portão principal em meio a gritos e choros. Ao ver, entre os jovens, uma adolescente ensanguentada, o PM teve uma intuição. **“Vieram à minha mente aquelas cenas de ataques nos EUA. Pensei: esses assassinos entraram aí e estão matando todo mundo”**, contou o sargento à Folha. (T22, SD26)

De fato, a mandíbula do esqueleto tem sido adotada neste século pela cultura pop para caracterizar psicopatas atormentados por um suposto senso de justiça. Um deles é Tate Langdon, personagem da série “American Horror Story” (FX) inspirado nos responsáveis pelo massacre da escola secundária Columbine, em 1999. Sua história é marcada por bullying, problemas domésticos e patologias psiquiátricas, fatores que culminaram no assassinato de 15 jovens da escola fictícia Westfield High School, referência ao massacre real da escola americana. **Ele usa uma maquiagem de caveira, roupas pretas e, numa das cenas da primeira temporada, um machado. A caracterização é similar à do atirador paulistano, que inclusive tinha essa mesma arma presa à cintura.** (T3, SD67)

Destaca-se na SD 67, a menção ao personagem Tate Langdon, da série American Horror Story, e sua história fictícia. Aqui a Folha faz sua primeira conexão entre indivíduos que sofrem bullying, têm problemas domésticos e tornam-se assassinos, ponto que seria trazido novamente nos próximos textos do corpus. A partir de então, os sentidos de associação com outros massacres e tiroteios em massa foram se fortalecendo no discurso de algumas formas diferentes. A primeira foi a repetida atenção conferida ao lenço de caveira e sua vinculação com grupos supremacistas, seguida pela informação da polícia de que teriam sido encontrados cadernos dentro do carro alugado utilizado pelos atiradores para chegarem à escola. O conteúdo dos

cadernos só seria revelado posteriormente - se tratavam de estratégias de jogos de tiros - mas a especulação tecida no discurso indicava uma relação entre Suzano com outros massacres estadunidenses, uma vez que é comum atiradores propositalmente deixarem materiais que indiquem suas ideologias e motivações para realizar o crime. Esse comportamento foi popularizado por Eric e Dylan, atiradores do massacre de Columbine, que deixaram vídeos e cartas para a polícia encontrar.

Vendida por até R\$ 20 em sites de e-commerce, **a máscara que cobre metade do rosto é usada pelos grupos americanos supremacistas República da Flórida e Divisão Atomwaffen.** (T3, SD65)

Em diversas fotos que circulam pela internet, **garotos fazem a continência do Terceiro Reich com um braço estendido e o rosto coberto pelo mesmo tecido estampado que Guilherme Monteiro, 17, usou no momento do massacre em Suzano.** (T3, SD66)

A polícia também divulgou dois cadernos escolares apreendidos no carro usado pela dupla, nos quais há **desenhos.** (T1, SD70)

Há ainda um **caderno de capa dura com anotações de Guilherme.** O material deve ser analisado pela polícia, com objetivo de obter informações sobre o planejamento do crime. (T18, SD71)

Em seguida, a notícia de que o massacre em Suzano teria sido comemorado dentro de fóruns anônimos na internet - mais especificamente, o mesmo fórum de ódio que já tinha sido associado ao responsável pelo Massacre de Realengo, em 2011, Wellington Menezes de Oliveira - foi mais um ponto para a consolidação do sentido da influência vinda de outros massacres. Em entrevista, o vice-presidente Hamilton Mourão também faz menção a Realengo e relaciona a motivação do crime com videogames de conteúdo violento.

A comemoração do massacre nos fóruns da internet começou minutos depois de ser noticiado que Guilherme Tauci Monteiro, 17, e Luiz Henrique de Castro, 25, invadiram a escola Raul Brasil com um revólver e armas brancas, matando oito pessoas e ferindo 11. [...] "**Homens de bem honrados**", escreveu um usuário do fórum **Dogolachan**²⁷, abaixo da foto de Guilherme e Luiz Henrique mortos. "**Temos os nossos primeiros atiradores sanctos formados no Dogola**", completou outro. (T24, SD73)

Em entrevista à imprensa, Mourão lembrou de episódio semelhante ocorrido em 2011, em uma unidade de ensino em Realengo (RJ), e disse que a tragédia pode estar relacionada ao acesso de jovens e adolescentes a jogos de vídeo games com conteúdos violentos. "É muito triste e temos de chegar à conclusão por que isso está acontecendo. Essas coisas não aconteciam no Brasil", afirmou. "**A minha opinião é**

²⁷ Dogolachan é um subfórum do site *4chan*, que reúne fóruns anônimos dentro da *deep web*. 'Dogola' é o apelido utilizado por seus usuários.

que hoje a gente vê essa garotada viciada em videogame. E videogames violentos. É só isso que fazem”, acrescentou. (T6, SD74)

A Folha utiliza algumas fontes para construir o sentido da influência de videogames e conteúdo de entretenimento violentos, como a funcionária da *lan-house* frequentada pelos dois, a mãe de Guilherme e os policiais que relatam alguns itens apreendidos no Onix branco alugado e na casa de ambos os atiradores.

Os programas da dupla dos últimos tempos eram passeios pelo shopping e visitas regulares à LAN house do bairro, **onde costumavam jogar video-games de tiros. [...] Ela [atendente da Lan House] conta que Guilherme e Luiz jogavam videogames no espaço ao menos três vezes por semana. (T15, SD79)**

De acordo com testemunhas, **entre os jogos favoritos dos atiradores estavam “Call of Duty”, jogo de guerra da desenvolvedora americana Activision, e “Counter-Strike”, da Valve, que divide os jogadores em times de terroristas e policiais. A polícia encontrou anotações com táticas dos jogos no carro dos criminosos. A dupla parecia obcecada com os jogos chamados de hardcore, games mais complexos, que normalmente envolvem rankings e partidas contra outros jogadores. São o oposto dos jogos casuais, geralmente muito mais simples, que exigem menos tempo —como o aplicativo de celular Candy Crush. (T20, SD83)**

“A única coisa é que ele era pirado nesse bagulho de jogo de computador. Ele ficava paranoico e gritava para a tela: vou te matar, vou te matar!” (T15, SD80)

O material também inclui uma série de acessórios de vestuário, tais como bandana de caveira, luvas e coturnos militares. **Também há uma peça que representa o personagem Riuk, do mangá Death Note. O quadrinho trata de um caderno que tem o poder de matar as pessoas cujos nomes foram escritos nele. (T18, SD82)**

Por meio dessas SDs, percebe-se que a Folha dá destaque para o comportamento de Guilherme e Luiz Henrique em relação aos jogos e conteúdos violentos. Mais do que apenas uma atividade de lazer, eles eram “viciados” e tinham preferência pelos jogos de tiros, de cunho violento. A fala da mãe de Guilherme, ao comentar sobre a obsessão do filho com jogos de computador e replicar suas exclamações de “Vou te matar! Vou te matar!” enquanto jogava, tem um sentido horrorizante quando se pensa no crime que ele viria a cometer.

Apresentadas ambas as linhas de influência sugeridas pelos sujeitos e pela investigação, chega o momento de unir os pontos no discurso. Algumas outras sequências que auxiliam na construção do sentido de influência conectam as duas linhas, o vício em jogos e conteúdos violentos com a ligação dos atiradores a grupos de ódio na internet, inspiração em outros massacres. Aqui, a Folha traz também um adicional obtido na reportagem de Fernanda Mena que traça o perfil do atirador mais novo: seu histórico de família desajustada e ter sofrido

bullying na escola. Em outras palavras, a construção sobre a motivação do massacre estava delineada.

Especialistas apontam semelhanças entre a tragédia de Suzano e a da Columbine High School, nos Estados Unidos, há 20 anos —nesta, os assassinos também jogavam videogame. No caso do massacre americano, o favorito era “Doom”, um dos pioneiros do tipo de tiro e em primeira pessoa. **Segundo a polícia, a dupla brasileira queria matar mais do que os americanos, o que soa como se buscassem uma espécie de pontuação típica de jogos.** (T20, SD84)

Por outro lado, **os atiradores de Suzano eram obcecados por jogos de tiro e sofriam bullying** —eles, que foram encontrados mortos na cena do ataque, eram ex-alunos da escola Raul Brasil. **Um dos jovens usava uma máscara de caveira, símbolo de supremacistas americanos,** mas não está claro se o ataque teve motivação política. (T23, SD72)

O Ministério Público de São Paulo chegou a anunciar que iria investigar possíveis conexões entre o ataque em Suzano e organizações de crime organizado, mas essa construção de sentido foi pouco destacada pelo discurso da Folha, perdendo popularidade para a conexão elaborada com maior desenvolvimento, o combo de influência de jogos violentos e outros massacres como os que acontecem nos Estados Unidos associada a um quadro de bullying e exclusão social.

Promotores de São Paulo investigam a possibilidade de o massacre ocorrido na escola estadual de Suzano, nesta quarta-feira (13), **ter ligação com organizações radicais que promovem crimes de ódio ao redor do mundo. Segundo a investigação, a conduta dos jovens durante ataque a estudantes e funcionários, como o uso de capuzes, os diferentes tipos de armas e o fato de terem disparado contra uma pessoa fora da escola, sugerem táticas adotadas por grupos de ódio.** A investigação corre em sigilo. (T19, SD24)

4.3.5 Famosos

Identificamos no corpus selecionado algumas sequências que tecem um sentido menos destacado pela Folha, com apenas cinco SDs, mas ainda assim presente e distinto dos demais o suficiente para constituir uma FD própria. É o sentido da notoriedade e da fama: o entendimento de que a dupla teria ganhado um *status* de celebridade em fóruns da internet pela realização do Massacre. Essa percepção se deu pela comemoração encontrada em um desses grupos, fato que foi notado por internautas e pela investigação do Ministério Público e apurada pela Folha.

A comemoração do massacre nos fóruns da internet começou minutos depois de ser noticiado que Guilherme Tauci Monteiro, 17, e Luiz Henrique de Castro, 25, invadiram a escola Raul Brasil com um revólver e armas brancas, matando oito

peças e ferindo 11. [...] "**Homens de bem honrados**", escreveu um usuário do fórum Dogolachan, abaixo da foto de Guilherme e Luiz Henrique mortos. "**Temos os nossos primeiros atiradores sanctos** formados no Dogola", completou outro. (T24, SD73)

Ainda é investigado pelo Ministério Público se os autores do massacre de fato frequentaram esse fórum específico, **mas eles já foram incluídos na galeria de ídolos do Dogolachan, ao lado de outros antigos usuários assassinos ou criminosos.** (T24, SD74)

No discurso da Folha, esse sentido se conecta com a FD anterior, “Influenciados”, servindo como uma espécie de comprovação da interação entre esses grupos e os responsáveis pelo crime em Suzano. Contudo, nessa exibição surge um novo possível sentido: que a chance de ganhar notoriedade, popularidade e fama neste grupo tenha servido como uma motivação adicional para a realização do crime.

Tais eventos macabros parecem conter um componente de imitação. Jovens desajustados, não raro vítimas de bullying, recorrem a meios extremos, quando não à própria morte, **para obter notoriedade e superioridade que não encontravam em vida.** (T16, SD69)

Ao noticiar essa comemoração, além de incluir *prints* da discussão do fórum anônimo, a Folha inseriu ao final da notícia (T24 no corpus) um glossário de termos sobre fóruns anônimos, grupos de ódio e *deep web*, entre outros. Em sua descrição, também inseriu termos que se referem a esses grupos de ódio, mas não aparecem ao longo da notícia e podem ser considerados desnecessários para a contextualização, atendendo uma demanda mais de curiosidade do que informação.

Conforme vimos anteriormente no capítulo 2, estudos mostram que o jornalismo deve exercer cautela ao noticiar massacres, uma vez que a notoriedade conferida aos autores de massacres pela mídia pode ser um dos vetores que aceleram o efeito de contágio na reprodução de novos acontecimentos. A atenção recebida durante as coberturas, como perfis de suas vidas e comportamentos, além de fotos e divulgação de materiais feitos por eles é vista como uma glorificação pública, e pode funcionar como um papel de recompensa para os atiradores, além de ser um chamariz para indivíduos que se identificam com suas motivações. Sendo assim, é importante que o jornalismo se preocupe em não divulgar informações que podem ser consideradas desnecessárias, como explicações excessivas e divulgação repetida de informações sobre grupos de ódio.

5 CONCLUSÃO

A morte faz parte da vida, e por consequência disso, está presente no cotidiano do jornalismo. Não somos ensinados a lidar com ela, mas aos poucos nos acostumamos com sua presença, nos impressionamos um pouco menos com sua crueldade. Até o momento em que acontecimentos como o Massacre de Suzano chegam e provam que a morte é capaz de nos chocar, de abalar o funcionamento das estruturas sociais que nos trazem segurança. É terrível que apenas a tragédia tenha o poder de nos fazer parar e refletir, porém é inegável que as crises são os maiores propulsores de mudança na sociedade. Como diz Zygmunt Bauman: “Não são as crises que mudam o mundo, e sim nossa reação a elas”.

Massacres em escolas não são acontecimentos inéditos na história, apesar de raramente acontecerem no Brasil. Estudos realizados por pesquisadores dos Estados Unidos, país que concentra o maior número de atentados deste gênero, indicam que massacres desencadeiam um efeito contagioso em indivíduos que se identificam com a motivação dos assassinos. Os pesquisadores sugerem que a notoriedade e os sentidos construídos pelas coberturas midiáticas podem ser vetores dessa infecção contagiosa. Por isso, é essencial que o jornalismo se dedique a estudar e compreender os homicídios em massa, retratando-os de forma aprofundada, complexa e responsável de forma a engajar questionamentos e reflexões que nos levem, como sociedade, a encontrar respostas e elaborar possíveis soluções para evitar que tragédias como essa se repitam.

Esta pesquisa dedicou-se a analisar a forma como o discurso jornalístico da Folha de São Paulo narrou e construiu sentidos sobre o acontecimento Massacre de Suzano, com foco no retrato dos atiradores responsáveis pelo crime. A motivação inicial para escolher a Folha como objeto de estudo foi a decisão editorial do jornal de divulgar imagens e vídeos com conteúdo explícito sobre o massacre, como fotos dos atiradores mortos e vídeos de momentos do ataque, além de uma reportagem que traça um perfil do atirador mais novo, Guilherme, e contém entrevistas com sua família.

Para compreender melhor nosso objeto de estudo, inicialmente buscamos referências nos massacres ocorridos nos Estados Unidos, com foco principalmente no Massacre de Columbine (1999), que se tornou um modelo desse tipo de crime. Discutimos também o jornalismo como um tipo de discurso que constrói sentidos sobre os acontecimentos e sobre os sujeitos que os produzem.

Para a análise, foram selecionados inicialmente 38 textos da cobertura feita pela Folha de São Paulo sobre o acontecimento Massacre de Suzano. Ao nos debruçarmos sobre o corpus, encontramos algumas possibilidades de análise discursiva. A mais forte delas foi a dos sentidos encontrados sobre os assassinos, mas também se justificaria uma análise dos sentidos criados sobre as vítimas. A Folha dedicou-se a fazer uma cobertura ampla sobre os atiradores, seus atos e suas vidas, porém também se preocupou em contar a história das vítimas, os alunos, funcionários e professores da escola que sofreram um acontecimento trágico, alguns deles perdendo suas vidas. Também seria interessante realizar uma análise dos comentários dos leitores nas matérias do site da Folha de São Paulo, devido às percepções e sentidos identificados sobre a culpabilização do acontecimento e o debate da legalização do porte de armas. Devido aos limites de tempo impostos a este trabalho, optamos por focar nossa atenção no discurso jornalístico sobre os responsáveis pelo acontecimento.

Após decidirmos seguir com a análise dos sentidos criados sobre os atiradores, selecionamos 27 dos 38 textos, todos publicados no site da Folha de São Paulo entre os dias 13 e 19 de março de 2019. Nesse corpus encontram-se matérias, reportagens, editoriais e colunas de opinião. Utilizando como base metodológica a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, identificamos cinco principais Formações Discursivas (FDs) que guiaram a análise, construindo a percepção de que os assassinos do Massacre de Suzano são: “Violentos”, “Frios e calculistas”, “Vítimas”, “Influenciados” e “Famosos”.

Os sentidos identificados nesta pesquisa denotam a variedade dos sentidos encontrados no discurso, que partem de um extremo - violentos, frios, calculistas - a outro completamente diferente - vítimas, influenciados, famosos. Por meio da exposição da crueldade de seus atos, a Folha inicialmente significou a dupla como assassinos frios, calculistas, capazes de grande violência, que se traduzem nas FDs Violentos e Frios e calculistas. Para elaborar esse sentido, reconstruiu o acontecimento, traçando os passos dos atiradores e inserindo a percepção dos outros sujeitos presentes, como as vítimas, a polícia e moradores de Suzano. Os maiores destaques foram o detalhado planejamento do massacre, o arsenal de armas utilizadas e a crueldade na execução do plano, como o assassinato do tio do atirador mais novo e a perseguição sanguinária de vítimas dentro da escola. A Folha escolheu reforçar esse sentido de brutalidade e violência publicando conteúdos explícitos do massacre, incluindo fotos e vídeos dos corpos dos atiradores, decisão que foi muito criticada pela *ombudsman* do jornal e pelos leitores, que classificaram a divulgação das imagens como “desnecessária” e “apelativa”.

Após consolidar os sentidos mais fortes sobre os atiradores, a Folha explorou um ponto de vista diferente, que buscava entender a motivação por trás dos atos hediondos cometidos. Para isso, buscou retratar as impressões de quem mais conhecia Guilherme e Luiz Henrique: suas famílias, seguido por vizinhos e funcionários de estabelecimentos que eles frequentavam, entre outros moradores de Suzano. Nessa percepção, identificamos os sentidos “Vítimas” e “Influenciados”. O sentido “Vítimas” foi encontrado majoritariamente na reportagem de Fernanda Mena que traça um perfil sobre a vida e os comportamentos do atirador mais novo. Sua mãe, usuária de drogas, relatou que Guilherme sofria *bullying* e teria largado a escola por esse motivo. É importante destacar que essa percepção de sofrer *bullying* foi apresentada apenas pela família de um dos atiradores, uma vez que os pais de Luiz Henrique não concederam entrevista à Folha e não foram entrevistados ex-colegas ou professores da dupla que pudessem confirmar ou negar isso.

Por fim, a FD “Famosos” identificou no discurso um sentido de notoriedade, de fama, sobre os autores, centrado nas comemorações do massacre feitas por grupos de ódio em fóruns anônimos na *deep web*. O grupo, que já tinha sido associado ao atirador do Massacre de Realengo (2011), exibiu imagens dos atiradores mortos e celebrou o acontecimento, dando indicações de que eles teriam sido instruídos por outros usuários do fórum. A Folha, ao divulgar informações sobre esses grupos, incluiu um glossário de termos sobre fóruns anônimos, grupos de ódio e *deep web*, incluindo de conceitos que não tinham sido apresentados no texto, e que atendem uma demanda de curiosidade do que informação.

Os resultados desta pesquisa são um recorte, porém a partir da análise dos textos selecionados observamos que a Folha se dedicou a realizar uma construção complexa dos atiradores, composta de diversos elementos de investigação, esforços de reportagem e entrevistas com sujeitos variados, com níveis diferentes de proximidade dos assassinos.

Contudo, destacam-se algumas decisões editoriais que poderiam ter sido mais bem avaliadas pela Folha. A primeira delas é a decisão de publicar as fotos e vídeos com conteúdo explícito do Massacre. Apesar da justificativa sobre o material informar o sentido de brutalidade no acontecimento, fotos de corpos mortos, ainda mais considerando que um dos atiradores era menor de idade, são apelativas e sensacionalistas demais, e sua publicação em plataformas digitais, de amplo acesso, facilitam sua reprodução exagerada, o que contribui para o sentido de notoriedade em cima da figura dos assassinos. No dia do Massacre era praticamente impossível entrar em redes sociais sem encontrar fotos e vídeos com conteúdo explícito, e alguns eram reproduções retiradas da imprensa. Massacres são atos hediondos, e a divulgação

de corpos, mesmo que cause sentidos de horror e brutalidade, acaba por desumanizá-los e retira o foco dos debates importantes que esses acontecimentos precisam levantar.

Além disso, a Folha optou por seguir com uma construção de sentidos simplificada e pouco elaborada ao aceitar com facilidade o discurso do *bullying* e da exclusão social, mesmo considerando a pequena amostra de informações que corroborassem essa percepção. Ao seguir conferindo destaque para essa construção, traçando ligações com o vício em videogames e conteúdos violentos, a influência de grupos de ódio na internet e outros massacres ocorridos nos Estados Unidos, o jornal delineou uma explicação que, embora aparente ser sólida, na verdade é superficial porque recorre a estereótipos sobre usuários de videogames e sobre *bullying*.

Ao afirmar isso, não estamos negando a possibilidade desse quadro de sentidos ter influenciado a motivação do crime, porém os estudos de massacres anteriores, como o de Columbine (1999), evidenciam que a aposta inicial da mídia nessa motivação acabou provando-se falsa. Segundo Dave Cullen (2019), entrevistas mais aprofundadas com colegas dos atiradores Eric e Dylan provaram que eles nunca sofreram *bullying* na escola, e pesquisadores nunca encontraram relações entre os jogos violentos e a realização de massacres. A investigação policial indicou que Eric provavelmente tinha um transtorno de personalidade antissocial, ou psicopatia, e Dylan sofria de um quadro depressivo, e o objetivo principal de realizar o massacre teria sido causar um gigantesco impacto com o maior número de mortes possíveis e com isso quebrar recordes. Ou seja, tratava-se de pessoas cruéis, frias e calculistas, mas que não eram exatamente “vítimas”.

O problema foi que a cobertura excessiva do massacre, aliada à divulgação desse quadro de sentidos construídos sobre a motivação dos atiradores, focado na história do *bullying* e dos videogames violentos, resultou na criação de um mito sobre o acontecimento. E mitos são para sempre, reforça Cullen (2019a). Mesmo após a retratação dos jornais, a opinião da maioria das pessoas já tinha sido consolidada, e esse mito seria reproduzido inúmeras vezes ao longo dos anos seguintes, possivelmente sendo o maior culpado pelo efeito de contágio, por atingir jovens que realmente sofrem *bullying*, têm vidas familiares desajustadas ou têm problemas de depressão e sentem-se invisíveis, incompreendidos, acreditando que a única solução para os seus problemas é uma vingança contra aqueles que os injustiçaram. Para Cullen (2019), os jornais precisam deixar de focar nos autores do crime, e devem investir esforços na cobrança por políticas públicas focadas em educação sobre saúde mental nas escolas.

A partir da análise realizada neste trabalho, concluímos que é de extrema importância que o jornalismo desenvolva um modelo de divulgação desse tipo de acontecimento, guiando-se nos materiais e análises realizadas por veículos midiáticos nos Estados Unidos, a exemplo de alguns citados anteriormente na pesquisa, como os movimentos “*No notoriety*”, que sugerem minimizar o foco nos autores, não conferindo a eles notoriedade além do necessário; assim como o guia de recomendações para cobertura de massacres criado pela revista investigativa *Mother Jones* (FOLLMAN, 2015), que indica aos jornais a divulgação mínima do nome dos autores, aconselha a não exibir conteúdo como vídeos ou manifestos feitos por eles e também não focar excessivamente no número de mortos, pois esse destaque é um dos objetivos que os atiradores desejam conseguir. A indicação é redirecionar a atenção para as vítimas, especialmente os sobreviventes. Contar suas histórias, celebrar suas vidas, e honrar seus mortos.

Não se sugere operar sob uma completa omissão de informações, pois em uma era de *fake news* isso poderia levar à proliferação de informações incorretas e à criação de teorias conspiratórias, além das plataformas sociais tornarem impossível esconder informações, quaisquer que sejam. O que se demanda é que o jornalismo exerça seu papel de mediador na sociedade e atue de forma cautelosa, responsável e humanizada na cobertura e divulgação de acontecimentos que envolvem a vida e a morte de tantas pessoas, como é o caso dos massacres em escolas.

REFERÊNCIAS

ACTIVE shooter resources. **FBI**, s.d. Disponível em: <http://www.fbi.gov/about/partnerships/office-of-partner-engagement/active-shooter-resources>

BASILIO, A. L. Massacre de Suzano é o oitavo em escolas no Brasil desde 2002. **Carta Capital**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/massacre-de-suzano-e-o-oitavo-em-escolas-do-brasil-desde-2002/>

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto de e LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, 2008.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. Tipologias do acontecimento jornalístico. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2010.

BERK, Richard. What is a mass shooting? What can be done? **Department of Criminology**, University of Pennsylvania, s.d. Disponível em: <https://crim.sas.upenn.edu/fact-check/what-mass-shooting-what-can-be-done>

BROCKELL, Gillian. Bullies and black trench coats: the Columbine shooting's most dangerous myths. **The Washington Post**, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/history/2019/04/19/bullies-black-trench-coats-columbine-shootings-most-dangerous-myths/>

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHO idolized Columbine killers. **The Denver Post**, 18 abr. 2007. Disponível em: <https://www.denverpost.com/2007/04/18/cho-idolized-columbine-killers/>

COLUMBINE shooting biggest news draw of 1999. **Pew Research Center**, 18 dez. 1999. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/1999/12/28/columbine-shooting-biggest-news-draw-of-1999/>

CULLEN, Dave. **Columbine**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Darkside, 2019a, 480 p.

CULLEN, Dave. From Columbine to Parkland: how we got the story wrong on mass shootings. **The Guardian**, 10 fev. 2019b. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2019/feb/10/columbine-parkland-gun-crime-dave-cullen>

DECLERCQ, Marie. Nos chans, se celebra o massacre da escola de Suzano. **Vice**, 13 mar 2019. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano

DIARIES and journals of Dylan Klebold and Eric Harris. **A Columbine Site**, s.d. Disponível em: <http://www.acolumbinesite.com/diary.php>

DON'T NAME THEM campaign dedicated to minimizing media coverage of mass shooting perpetrators. **The University Star**. 20 out 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3tcGORo>

DORN, Sara. “Boy in the window” in Columbine massacre recounts his escape from ruthless killers. **New York Post**, 6 abr. 2019. Disponível em: <https://nypost.com/2019/04/06/boy-in-the-window-in-columbine-massacre-recounts-his-escape-from-ruthless-killers/>

EX-ALUNOS matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano. **Folha de São Paulo**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/atiradores-matam-cinco-alunos-e-um-funcionario-em-escola-em-suzano-na-grande-sp.shtml>

FOLLMAN, Mark. A guide to mass shootings in America. **Mother Jones**, 20 jul. 2012. Disponível em: <https://www.motherjones.com/politics/2012/07/mass-shootings-map/>

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005.

FREITAS, Camila; BENETTI, Marcia. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br>> Acessado em 11 de abril de 2021.

GLADWELL, Malcolm. *Thresholds of Violence*. **The New Yorker**, Nova York, out.2015.
HALL, Stuart *et al.*. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

HUNTER, Lance Y. *et al.*. Are mass shootings acts of terror? Applying key criteria in definitions of terrorism to mass shootings in the United States from 1982 to 2018. **Behavioral Sciences of Terrorism and Political Agression**, 2020. DOI: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19434472.2020.1762108>

JACKSON, Abby. Americans look to Columbine to better understand school shootings — but myths about the shooters have persisted for years. **Business Insider**, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/columbine-shooters-motives-2018-2>

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The Elements of Journalism: what newspeople should know and the public should expect**. Nova York: Three Rivers Press, 2014. E-book.

KOVACH; Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGO, Cláudia. Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, 2014.

LANGMAN, Peter. The search for truth at Columbine. **School Shooters . info**, 2014. Disponível em: https://schoolshooters.info/sites/default/files/search_for_truth_at_columbine_2.2.pdf

LARKIN, Ralph W. **Comprehending Columbine**. Filadélfia: Temple University Press, 2007.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010 [1922].

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, 2015.

LÜCKMANN, Ana Paula; FONSECA, Virginia. Contexto e contextualização no jornalismo: uma proposta conceitual. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 14, n. 2, 2017.

MASSACRE em Suzano: o que se sabe até agora. **G1**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>.

NEKLASON, Annika. The Columbine Blueprint. **The Atlantic**, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/education/archive/2019/04/columbines-20th-anniversary-mass-media-shooting/587359/>

NEWTOWN gunman Adam Lanza had “obsession” with Columbine. **BBC News**, 26 nov. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-25097127>

NO NOTORIETY, s.d. Disponível em: <https://nonotoriety.com/>

O'MATZ, Megan. On Parkland shooter's playlist: “Pumped Up Kicks”, a chart-topping song about school slayings. **Sun Sentinel**, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://www.sun-sentinel.com/local/broward/parkland/florida-school-shooting/fl-florida-school-shooting-pumped-up-kicks-20180828-story.html>

ORENSTEIN, José; CORSALETTE, Conrado. Como foram as reações dos políticos ao massacre de Suzano. Podcast. **Nexo**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/podcast/2019/03/13/Como-foram-as-rea%C3%A7%C3%B5es-dos-pol%C3%ADticos-ao-massacre-de-Suzano>

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PUIGDEMONT, Oriol. Atentados em mesquitas da Nova Zelândia deixam pelo menos 49 mortos. **El País**, 15 mar 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/internacional/1552616642_719105.html

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

RICHMOND Enquirer. **Chronicling America: historic American newspapers**, Library of Congress, 17 nov 1840. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn84024735/1840-11-17/ed-1/seq-1/>

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

ROMANO, Giovanna. Atirador de Suzano postou imagem com máscara e arma antes do crime. **Veja**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/atirador-de-suzano-postou-imagem-com-mascara-e-arma-antes-do-crime/>

ROSENBLATT, Kalhan. Las Vegas shooting is deadliest in modern U.S. history. **U. S. News**, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/storyline/las-vegas-shooting/las-vegas-shooting-deadliest-modern-u-s-history-n806486>

SALERNO, Daniela; ARCOVERDE, Léo. Cadernos de assassinos de Suzano tinham táticas de jogo de combate e regras de conduta na escola. **G1**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cadernos-de-assassinos-de-suzano-tinham-taticas-de-jogo-de-combate-e-regras-de-conduta-na-escola.ghtml>

SCHILDKRAUT, Jaclyn; MUSCHERT, Glenn. **Columbine, 20 Years Later and Beyond: Lessons from Tragedy**. Santa Barbara: Praeger, 2019.

SETO, Guilherme. Major Olímpio diz que tragédia em Suzano seria evitada se professores estivessem armados. **Folha de São Paulo**, 13 mar 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/major-olimpio-diz-que-tragedia-em-suzano-seria-evitada-se-professores-estivessem-armados.shtml>

SHEPARD, Alicia C. Columbine School Shooting: Live Television Coverage. **Thinking Clearly: Cases in Journalistic Decision-Making**. Columbia University Press: New York, 2003, pp. 57–81. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.7312/rose12588.7.

SILVERSTEIN, Jason. There were more mass shootings than days in 2019. **CNS News**, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/mass-shootings-2019-more-than-days-365/>

SUL-COREANO realizou massacre em campus; ato homenageia vítimas. **Folha de São Paulo**, 17 abr. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u106520.shtml>

THOMAS, Pierre *et al.*. Columbine shootings' grim legacy: more than 50 school attacks, plots. **ABC News**, 7 out. 2014. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/columbine-shootings-grim-legacy-50-school-attacks-plots/story?id=26007119>

TOMAZ, Kleber et al. MP de SP apura se organização criminosa na “deep web” incitou assassinos a cometerem massacre em Suzano. **G1**, 14 mar 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/14/mp-de-sp-apura-se-organizacao-criminosa-na-deep-web-incitou-assassinos-a-cometerem-massacre-em-suzano.ghtml>

TOWERS, Sherry *et al.*. Contagion in Mass Killings and School Shootings. **PLoS ONE**, v.10, n.7. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0117259>.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VEJA a cronologia do massacre na escola Sandy Hook, nos EUA. **G1**, 16 dez 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/12/veja-cronologia-do-massacre-na-escola-sandy-hook-nos-eua.html>

WEATHERBY, Georgie *et al.* Infamous Killers, Forgotten Victims: A Content Analysis of Print Media Coverage of Three Major School Shootings. **Int J Forens Sci** 2016, v.1, n.1. Disponível em: <https://medwinpublishers.com/IJFSC/IJFSC16000104.php?id=25>